

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE GERONTOLOGIA

BARBARA PEREIRA DOS SANTOS

A MEMÓRIA EM IMAGEM:
Trajetórias de pessoas idosas negras e a representação midiática

São Carlos

2024

BARBARA PEREIRA DOS SANTOS

**A MEMÓRIA EM IMAGEM:
Trajetórias de idosos negros e a representação midiática**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Gerontologia da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de Bacharel em Gerontologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Priscila Martins de Medeiros

Órgão financiador: PIBIC-Af/CNPq

SÃO CARLOS

2024

BARBARA PEREIRA DOS SANTOS

A MEMÓRIA EM IMAGEM: TRAJETÓRIAS DE PESSOAS IDOSAS NEGRAS E A
REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Gerontologia da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Gerontologia.

Aprovado em: 06 de setembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Priscila Martins de Medeiros
Universidade Federal de São Carlos

Titular da banca

Prof. Dr. Jorge Leite jr.
Universidade Federal de São Carlos

Titular da banca

Prof^a. Dr^a. Joana Darc de Oliveira
Universidade de São Paulo

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os que se sentem invisíveis perante a sociedade. Eu os vejo! Mas saibam que não existe forma ver o outro, sem antes se ver.

AGRADECIMENTO

Não há forma mais clichê do que começar os agradecimentos do que pela família. E eu, como uma grande fã, não faria diferente. Agradeço a todo apoio dos meus irmãos **Leonardo, Elizabeth e Vitória**, e minha mãe, **Helenice**, por sempre me apoiarem e me fazer sorrir, por todas as ligações durante minhas crises existenciais. Se algum dia eu me tornar reconhecida, saibam que parte fora por ter vocês por perto, mesmo não demonstrando tanto.

Gostaria de agradecer principalmente minha gata **Mellody**. Ela é perfeita.

Conforme os anos foram passando, eu percebi que não saberia sobreviver à graduação sem um certo grupo de pessoas. Vocês passaram por tantas coisas ao meu lado que chega ser engraçado que tudo pode ser resumido em três grupos de WhatsApp.

Agradeço a meu grupo de amigas, **Laura e Karen**, que sobreviveu a tantos trabalhos em grupo, jurei que a qualquer momento iríamos para a delegacia por agressão; pelas nossas conversas, festas, jantares, jogos, e **gatas da Karen**.

Há momentos em que não fazemos ideia de como ou porque algumas pessoas entram nas nossas vidas, mas sou genuinamente grata por ter te conhecido, **Luiza**. Por vezes achei que não daríamos certo, mas também, não consigo mais me imaginar sem você para mandar mensagem falando algo bobo ou que se você viajar por muito tempo acabarei me machucando de alguma forma. Aquele “oi” vergonhoso na chamada quando encontrei alguém que tinha uma certa queda; ou a skin care que fazia em você depois falando que sua pele estava péssima e só melhorou quando cuidei; ou, até mesmo nossos momentos no sofá depois de algum surto meu e cozinhava, depois pedia para você comer são momentos que sempre ficarão guardados no meu coração.

Você me fez acreditar que mesmo pessoas sendo passageiras, elas fazem um estrago bem grande no peito por terem se tornado parte de uma memória. Este trabalho também é dedicado a você, é seu, também possui um pouco de **Luiza Barros** e sua cara indecifrável vendo o caos em uma divisão de trabalho, enquanto eu estava chorando de rir. Lulu, você é a pessoa mais inteligente, forte, perspicaz e sensível de uma maneira bruta, NUNCA deixe de acreditar em seu potencial, como nunca deixou que eu desistisse das minhas coisas. Amo você.

Seria hipocrisia da minha parte não lembrar de todo apoio e força que recebi do Departamento de Terapia Ocupacional, em especial a professora **Carla Silva**, a quem me

abriu portas e me inspirou de diversas formas. Chega “não ser normal” como todos os integrantes do AHTO, ao qual não citarei todos os nomes, mas vocês foram únicas na minha vida.

Agradeço à minha orientadora, **Priscila Medeiros**, por ser a pessoa mais brilhante com quem tive o prazer de trabalhar, me dando possibilidade de mergulhar em minha própria loucura e transformar palavras soltas em uma obra de arte.

Obrigada a **todos os participantes**, a **Universidade Federal de São Carlos**, aos professores que me guiaram em minha formação da escola, cursinho e graduação, e a **CNPq**, vocês foram grandes contribuintes para tudo isso ser real.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todos que de alguma forma me fizeram pensar que nunca seria possível entrar em uma universidade pública (**inclusive eu**), que não era boa o suficiente, que o projeto seria uma grande loucura. **Sem vocês eu nunca faria esse trabalho por pura birra.**

O ontem é história, o amanhã é um mistério, mas o hoje é uma dádiva. É por isso que se chama presente.

(Kung Fu Panda),

RESUMO

Este estudo investiga a representatividade e o envelhecimento negro em São Carlos-SP, entre 2021-2024. A pesquisa analisa as experiências de pessoas idosas negras em espaços como a Universidade Aberta da Terceira Idade, o Centro de Convivência do Idoso e o Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira, buscando compreender como a representatividade midiática, por meio da fotografia, influencia no processo de envelhecimento de pessoas idosas negras e não negras. Diante disso, nosso objetivo é analisar como a representatividade midiática, por meio da fotografia, influencia no processo de envelhecimento de pessoas idosas negras e não negras. Em termos mais específicos, busca-se: identificar e discutir as concepções de envelhecimento dos participantes da pesquisa; considerando as fotografias tiradas pelos participantes, analisar de que modo estas imagens impactam em suas percepções sobre o envelhecimento; e compreender as especificidades na experiência do envelhecimento a partir da identificação racial do participante. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que combina entrevistas semiestruturadas e a utilização de fotografias como caminho para a discussão sobre memórias dos sujeitos envolvidos. Em termos teóricos, baseamo-nos na Análise Temática em Psicologia das Fotografias e Entrevistas, na Sociologia das Relações Raciais e nos Estudos Culturais e Pós-coloniais. Compreende-se que a representatividade na mídia não é apenas uma questão de entretenimento, mas sim de justiça social e de reconhecimento cultural, histórico e simbólico. A luta contra estereótipos e a promoção de sociabilidades não-racializadas são pilares para o enfrentamento das desigualdades, incluindo as relacionadas ao envelhecimento e ao respeito à memória.

Palavras-chave: Envelhecimento, Relações Raciais, Representações Sociais, Memória, Mídia.

ABSTRACT

This study investigates representation and black aging in São Carlos, SP, between 2021-2024. The research analyzes the experiences of elderly black people in spaces such as the Open University of the Third Age, the Elderly Convivial Center, and the Municipal Center of Afro-Brazilian Culture, seeking to understand how media representation, through photography, influences the aging process of black and non-black elderly people. In view of this, our objective is to analyze how media representation, through photography, influences the aging process of black and non-black elderly people. More specifically, we seek to: identify and discuss the participants' conceptions of aging; considering the photographs taken by the participants, analyze how these images impact their perceptions of aging; and understand the specificities of the aging experience based on the participant's racial identification. This is a qualitative research that combines semi-structured interviews and the use of photographs as a way to discuss the memories of the subjects involved. In theoretical terms, we are based on Thematic Analysis in the Psychology of Photographs and Interviews, the Sociology of Race Relations, and Cultural and Postcolonial Studies. It is understood that media representation is not just a matter of entertainment, but of social justice and cultural, historical, and symbolic recognition. The fight against stereotypes and the promotion of non-racialized sociabilities are pillars for addressing inequalities, including those related to aging and respect for memory.

Keywords: Aging, Race Relations, Social Representations, Memory, Media

RESUMEN

Este estudio investiga la representación y el envejecimiento negro en São Carlos-SP, entre 2021-2024. La investigación analiza las experiencias de personas mayores negras en espacios como la Universidad Abierta de la Tercera Edad, el Centro de Convivencia del Anciano y el Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileña, buscando comprender cómo la representación mediática, a través de la fotografía, influye en el proceso de envejecimiento de personas mayores negras y no negras. Ante esto, nuestro objetivo es analizar cómo la representación mediática, a través de la fotografía, influye en el proceso de envejecimiento de personas mayores negras y no negras. Más específicamente, se busca: identificar y discutir las concepciones de envejecimiento de los participantes de la investigación; considerando las fotografías tomadas por los participantes, analizar de qué modo estas imágenes impactan en sus percepciones sobre el envejecimiento; y comprender las especificidades de la experiencia del envejecimiento a partir de la identificación racial del participante. Se trata de una investigación cualitativa, que combina entrevistas semiestructuradas y el uso de fotografías como camino para la discusión sobre memorias de los sujetos involucrados. En términos teóricos, nos basamos en el Análisis Temático en la Psicología de las Fotografías y Entrevistas, la Sociología de las Relaciones Raciales y los Estudios Culturales y Postcoloniales. Se entiende que la representación en los medios no es solo una cuestión de entretenimiento, sino de justicia social y de reconocimiento cultural, histórico y simbólico. La lucha contra los estereotipos y la promoción de sociabilidades no racializadas son pilares para enfrentar las desigualdades, incluidas las relacionadas con el envejecimiento y el respeto a la memoria.

Palabras clave: Envejecimiento, Relaciones raciales, Representaciones sociales, Memoria, Medios de comunicación.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Caracterização dos profissionais participantes	29
Quadro 2 — Caracterização dos participantes negros idosos	32
Quadro 3 — Caracterização dos participantes não negros idosos	39

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Atores e atrizes negras	27
Figura 2 - Insultos e xingamentos durante a infância	51
Figura 3 — Falas de Conquistas	67

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Abertura de exposição Memórias Negras	49
Imagem 2 - Lágrimas em uma confissão	50
Imagem 3 - Terra e moedor de Café	53
Imagem 4 - Vira-Mundo	54
Imagem 5 - Caderno de Artistas na Toca da Criola	57
Imagem 6 - Cinematógrafo	61
Imagem 7 - Resistência de preta	62
Imagem 8 - A velha guarda	63
Imagem 9 - Exposição no Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira	64
Imagem 10 — Estação de trem em São Carlos	68
Imagem 11 — O Apreciador	70
Imagem 12 — Fotos e tradições	72
Imagem 13 — Eu, meu irmão e minha irmã	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Universidade Aberta da Terceira Idade - UATI

Fundação Educacional de São Carlos - FESC

Centro de Convivência do Idoso - CCI

Bateria Breve de Rastreio Cognitivo - BBRC

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS

Organização Mundial da Saúde - OMS

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 - Apresentação do Invisível Visível	24
1.1 Muito prazer, eu sou o invisível.	30
CAPÍTULO 2 - Desafios de Participação e Inclusão: obstáculos à participação e inclusão de pessoas idosas negras	46
CAPÍTULO 3 - A Importância da identificação e cultura negra	58
3.1 A Resiliência das pessoas idosas negras	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	81
APÊNDICES	86
ANEXO	96

APRESENTAÇÃO

Primeiramente, peço-lhes licença para apresentar-me. Me chamo Barbara Santos, uma estudante negra, mulher, fotógrafa, me arrisco a dizer artista, que viaja entre áreas Humanas (*Sociologia*), e da Saúde, e que, no fundo, não faz ideia de qual será o próximo passo após a graduação, mas tenho certeza que será voltado ao envelhecimento negro. Com isso, abrimos o debate com a primeira pergunta que fiz para todos que passaram por mim ao longo dessa trajetória: “Quem é você?”. Apresentar-me neste primeiro parágrafo foi basicamente utilizar o “bordão” assim que conheci os participantes e seus familiares, com o objetivo de mostrar quem sou, de onde vim e para onde vou, mas nunca terei todas as respostas que sempre ansiava ter ao longo de minha vida. Quem são vocês? Qual sua história? Como se sentem ao ligar a televisão?

Com essas questões, trarei parte dos bastidores deste projeto de pesquisa que durou em torno de três anos (2021–2024), contando uma nova visão da história da cidade de São Carlos, pela voz de residentes idosos negros, abordando extraordinárias vivências, visões, representações, medos e dores. Além disso, contarei sobre as facilidades e desafios que passei ao longo de todo esse percurso.

Iniciemos pela pergunta de partida, para mim essa foi a pior parte. É impossível pensar em apenas um problema que uma pessoa negra passa, já que todos estão ligados de alguma forma, seja pelo tom de sua pele, seus cabelos, o formato de seu nariz, a grossura de seus lábios, os esteriótipos, etc. tudo sobre o negro é uma grande apresentação trazida por um alguém que não é negro. Dado isso, me peguei vendo televisão para distrair a cabeça e vi que meu personagem favorito não era nada parecido comigo, nem com meus irmãos ou minha mãe e sim algo que eu nunca poderia ser, *Branca*. E assim, fui atrás de filmes, séries, novelas, propagandas e, acima de tudo, fotografias que sempre gostei muito de tirar e me criaram como a pessoa que sou hoje, me vi perguntando — após muitos questionamentos de minha orientadora, que muito me fez pensar —, “***Como a representatividade midiática, por meio da fotografia, influencia no processo de envelhecimento de pessoas idosas negras e não negras?***”.

Após resolver o maior dos problemas — a pergunta de pesquisa —, tudo se baseou em uma busca interminável por textos, artigos, capítulos de livro, vídeos e palestras que abordam o negro e a influência na mídia em seu processo de envelhecimento, me chocando ao

perceber que era pouquíssimos os trabalhos que abordam esse tema e muitos deles sendo voltados para a análise de novelas. Como poderia um país com 55,5% da população se autodeclara preta ou parda (IBGE, 2022), não ter materiais científicos para uma população tão rica de histórias e cultura? Isso não gera incômodo para ninguém? A resposta é sim, para quem foi apagado e objetificado, e para aqueles que conseguiram apagar... até agora.

Voltando as dificuldades, digo de passagem que eram coisas que estavam fora de nossos alcances como orientadora e aluna, uma vez que a espera pela aprovação do TCLE impactou significativamente em nosso cronograma, e quando conseguimos, enfrentamos uma fase de transição de gestores e coordenadores na UATI-FESC, que impossibilitava a entrada efetiva no campo. Além do receio e a resistência dos potenciais entrevistados que influenciavam na participação. Mas vendo minhas dificuldades e por uma demanda do campo, me foi sugerido a participação no Campus II - Vila Prado da UATI-FESC, sendo esse o início da ampliação do meu campo, logo mais sendo ampliado para o CCI ¹Vera Lucia Pilla e o Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira “Odette dos Santos”, os quais fui muito bem recebida e acolhida em meio a equipe e usuários, permitindo acesso a registros e memórias.

A busca por registros históricos de pessoas negras revelou-se uma dificuldade, refletindo a sub-representação desses grupos. Além disso, a dificuldade em encontrar participantes compatíveis com os critérios de inclusão (pessoas idosas negras), também afetou a amostra. Apesar dos desafios, a parceria com o CCI e o Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira impulsionou nossa pesquisa, destacando a importância da colaboração e da sinergia entre instituições e pesquisadores.

Por fim, a jornada para encontrar maior número de pessoas idosas negras em instituições de ensino e cultura em São Carlos, e o estabelecimento de vínculos e a garantia de confiança dos mesmos para comigo durante as entrevistas individuais em ambientes confortáveis escolhidos pelos participantes, gerou o apoio vital na criação das exposições fotográficas, passeios fotográficos, participação de concursos (do qual tive o prazer de ganhar o 3º lugar em um dos maiores congressos da Geriatria e Gerontologia), congressos e futuramente artigos.

Afinal, meu objetivo não é escrever mais um trabalho para minha formação, mas sim trazer o fruto de um trabalho conjunto de muitas trajetórias que nunca foram vistas além da oralidade. Se hoje posso lhes trazer esse projeto é porque em algum momento desse meu

¹ Hoje o Centro de Referência do Idoso “Vera Lucia Pilla” de São Carlos passa para a transição formal para Centro de Convivência da Pessoa Idosa. Neste trabalho será abordado com a sigla “CCI”

projeto de envelhecimento, alguém acreditou em mim e me viu, se interessando em minhas ideias malucas sobre tirar fotos e contar histórias, sobre pessoas compartilharam comigo seus maiores medos, duas cicatrizes ainda não curadas, suas *memórias em imagem*, suas festas e cafés, e sua autoestima para que eu pudesse me ver bela como uma mulher preta que faz ciência. Dou-lhes uma voz, amigos e amigas. Dou a minha voz.

INTRODUÇÃO

O Brasil tem passado por uma significativa transição demográfica, sendo o envelhecimento da população uma das características mais marcantes. Dados do Censo Demográfico de 2022, realizado pelo IBGE, demonstram que a população idosa representa por volta de 15,8% da população total brasileira, com um crescimento de quase 50% em relação ao censo de 2010 (IBGE, 2022). Com isso, é possível observar como essa transição está acontecendo de maneira expressiva, e em um curto período, uma vez que a queda das taxas de fecundidade e o aumento da expectativa de vida, devido a melhorias nos cuidados de saúde e nas condições socioeconômicas, resultaram em um rápido envelhecimento da população no Brasil (Mrejen; Nunes; Giacomini, 2023) e por essa inversão na pirâmide etária brasileira.

A partir disso, abordaremos a Gerontologia — ciência que estuda o envelhecimento sob uma ótica biopsicossocial —, para fundamentar as questões multidimensionais do envelhecimento e da velhice (SBGG, 2024). A velhice para a Gerontologia não deve ser compreendida como uma experiência homogênea, uma vez que, por sua natureza multi e interdisciplinar, tal campo compreende que os problemas enfrentados pelas pessoas idosas também trazem em si elementos relacionados a, por exemplo, raça e etnia, gênero, sexualidade, classe, religião, entre outros marcadores sociais da diferença (Moratelli, 2021).

Assim, a interseccionalidade desse processo de envelhecer demonstra como as diferenças intrínsecas ao envelhecimento de corpos negros historicamente marginalizados e estereotipados, possuem a sensação de estarem ligados a imagens equivocadas sem pertencerem a lugar algum (Hall, 1987). Com isso, a interseccionalidade, já trazida por Collins (2021), será utilizada como uma ferramenta analítica para esses desafios e disparidades, tomando como exemplo as questões de gênero que se refletem nas condições de vida, acesso a serviços de saúde, renda e participação social das pessoas idosas. Se examinarmos, as mulheres idosas muitas vezes enfrentam desafios adicionais devido à sobrecarga de trabalho não remunerado ao longo de suas vidas, bem como a uma expectativa de vida geralmente maior do que a dos homens, sem considerar as diferenças étnicas que demonstram uma diferença de quase uma década com relação à expectativa de vida de pessoas idosas negras (IBGE, 2022). Isso as coloca em uma posição vulnerável em relação à pobreza e à falta de acesso a cuidados de saúde adequados.

Ademais, as normas de gênero arraigadas na sociedade podem influenciar a maneira como as pessoas idosas são compreendidas em uma herança cultural, que lhe concerne, em um processo de materialização de uma história, sendo que fornece informações para a formação da história e identidade de um país (Rocha, 2012). Preservar essa herança, garante a sociedade conhecer sua própria história, trazendo para o indivíduo afirmar sua identidade cultural e reconstruir seu passado histórico (Oliveira; Loures; Oliveira, 2008).

A compreensão das perspectivas de gênero no envelhecimento e a preservação da herança cultural se entrelaçam, influenciando as experiências e identificações das pessoas idosas, bem como são percebidas e tratadas, principalmente em questões de relações raciais. Esses elementos em conjunto moldam a complexa interação entre envelhecimento, etnia, gênero e cultura, e são essenciais para uma compreensão abrangente das experiências da população idosa.

Segundo Freitas (2004, p. 192), o ser negro para o Movimento Negro constitui-se nas marcas de um processo de construção coletiva de identidades individuais e sociais. A herança cultural da população negra enfrentou severas alterações devido à desigualdade social ao longo dos anos. Diversos autores destacam para a eclosão dos movimentos sociais no final dos anos 1960 e início de 1970, mediante lutas em pequenas e grandes conquistas diárias (Freitas, 2005). Com isso, o Movimento Negro, por afirmação de identidade, se caracterizava pelas novas formas de participação coletiva, pluralidade social, diversidade de práticas e meios para garantir suas conquistas (Freitas, 2005). O que reforça as noções de que o patrimônio cultural ou herança cultural estão vinculadas às lembranças e às memórias, sendo elas fundamentais para as identidades culturais de uma população (Pelegri, 2007, p. 1).

Porém, ainda há muito o que ser feito para que a população idosa e negra no Brasil tenha seu patrimônio cultural e sua memória estabelecidas, mas para isso seja possível é necessário dar voz e, com isso, compreender o que essa população enxerga do ser negro durante seu dia a dia, seu cotidiano. A partir disso, vemos como as questões do envelhecimento trabalham no fenômeno paradoxal abordado por Stuart Hall, ao dizer que a identificação torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada de forma contínua em relação às formas pelas quais somos estampados ou inquiridos nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987).

Assim, a fotografia desempenha um papel crucial na preservação da memória, ao funcionar com um instrumento que argumenta com as questões de identificação, memórias e

com o próprio envelhecimento. Desempenha uma importante atuação para este estudo, visto que permite uma análise da trajetória de transição de memórias, histórias, vivências, sentimentos, afetos, reflexões, momentos que dialogam e formam uma rede de saberes em prol da vida do homem, formando a subjetividade.

Para Weller e Bassalo:

[...] devemos considerar que a imagem não representa a realidade plasmada em uma superfície amorfa, mas é constituída e produzida pela realidade social, que é mediadora entre o sujeito que a produz e aquele a quem se destina, logo, neste texto a imagem é considerada um artefato cultural. Como artefato cultural, ainda que não seja o real, apresenta, representa ou reapresenta o mundo, tornando presente aquilo ou alguém que está ausente. A imagem, especialmente a fotografia, consegue trazer de volta o ausente, o distante, de materializar aos olhos o que não está materialmente ao alcance das mãos (2011, P. 286).

Diante disso, nosso objetivo é analisar como a representatividade midiática, por meio da fotografia, influencia no processo de envelhecimento de pessoas idosas negras e não negras. Em termos mais específicos, busca-se: identificar e discutir as concepções de envelhecimento dos participantes da pesquisa; considerando as fotografias tiradas pelos participantes, analisar de que modo estas imagens impactam em suas percepções sobre o envelhecimento; e compreender as especificidades na experiência do envelhecimento a partir da identificação racial do participante.

O presente trabalho busca, de forma qualitativa, proporcionar um aprofundamento de princípios internos, tendo em consideração a subjetividade do indivíduo, uma vez que fora possível, por meio de cada fala trazida, resgatar valores simbólicos, emocionais e socioculturais de residentes com 60 anos ou mais da cidade de São Carlos, ao longo de suas vidas e suas experiências mediante representações midiáticas. Para isso, houveram oficinas de fotografias para os usuários com mais de 60 anos que possuíssem e conseguissem manusear um aparelho de captura fotográfica, e que não apresentassem declínios cognitivos que impedissem sua participação, em três instituições de São Carlos, sendo elas: Universidade Aberta da Terceira Idade, Centro de Convivência da Pessoa Idosa e o Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira “Odette dos Santos”.

Para a seleção dos participantes da pesquisa, houveram dois pontos importantes, demonstrando já nesse momento a diferença entre os participantes negros e não negros: os interessados entraram em contato com a coordenação ou secretária de sua instituição para a matrícula na oficina de fotografia, nesta matrícula os interessados assinavam o TCLE² e o Termo de Uso de Imagem, passando por fim por uma avaliação de rastreio cognitivo, afim de identificar declínios cognitivos no âmbito da memória. Independente desse resultado, todos os que se inscreveram participaram da oficina de fotografia, onde exploraram os diversos aspectos que envolvem o ato fotográfico. Entre eles: tipos de enquadramento, ângulos, regras de composição, funcionamento básico de câmeras e luz. Com isso, os participantes criaram familiaridade com as câmeras e maior conscientização da linguagem fotográfica, para, por fim, prepará-los para execução da metodologia Photovoice.

O Photovoice, desenvolvido por Wang, Burris e colaboradores na década de 1990, surgiu visando dar voz às pessoas através da fotografia, permitindo-lhes expressar suas experiências e vivências visualmente (Touso et al., 2017). Dessa forma, é uma forma de pesquisa-ação participativa que utiliza a fotografia como meio principal para explorar e entender o cotidiano e as experiências identitárias das pessoas. Ao longo dos nossos encontros, a aplicação desta metodologia revela-se particularmente valiosa por diversos motivos.

Uma das principais forças do Photovoice reside em sua capacidade de empoderar os participantes, permitindo-lhes captar imagens que refletem suas realidades pessoais e contextos de vida. A fotografia serve como uma ferramenta de auto expressão, permitindo que indivíduos mostrem aspectos de suas vidas que podem não ser facilmente articulados apenas com palavras. Esse processo de criação e compartilhamento de imagens dá aos participantes um meio poderoso para manifestar suas identidades e experiências de maneira direta e significativa (Touso et al., 2017).

Em resumo, o Photovoice, ao integrar fotografia e pesquisa-ação participativa, oferece uma abordagem rica e envolvente para entender e valorizar o cotidiano e as experiências identitárias das pessoas. Ao empoderar os participantes para expressarem suas realidades visivelmente e ao promover um diálogo crítico e reflexivo, essa metodologia contribui para uma compreensão mais profunda e inclusiva das complexidades da vida

² O projeto de pesquisa está em consonância com os preceitos éticos de pesquisa com o CAAE: 65911322.1.0000.5504 fornecido pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos.

cotidiana. Em nossa pesquisa foi utilizado para responder à pergunta de partida “O que é o mundo?”, gerando uma discussão de extremos entre os participantes.

A partir disso, foram selecionadas 8 pessoas idosas não negras de 22 inscritos, sendo eles dos campos CCI e UATI, (não houveram inscritos negros), escolhidos ao acaso e 8 participantes negros do Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira. Assim, utilizamos a entrevista semi-estruturada como abordagem metodológica, visando compreender uma realidade específica e promover a transformação social por meio da autorreflexão e ação emancipatória dos participantes (Fraser; Gondim, 2004, p. 145). Durante as entrevistas, os eixos temáticos explorados incluem: futuro, relações raciais, representação e mídia, memória, cotidiano e identificação. Esses temas permitiram uma análise aprofundada das percepções, experiências e reflexões dos entrevistados em relação a questões relacionadas ao envelhecimento, diversidade, estereótipos e vivências cotidianas.

Dessa forma, houve uma análise temática das entrevistas e fotografias desenvolvidas, embasada pelos seis passos sugeridos pelas pesquisadoras Braun e Clarke ³(2006), buscando uma familiarização com os dados, permitindo sua compreensão e codificação para obter padrões, ideias e temas possíveis para determinação de um conjunto preliminar de temas abrangentes e subtemas. Dessa forma, há a revisão e refinamento de todos os extratos obtidos para tema e verificação de um padrão coerente, definindo-os de maneira a “identificar a essência do assunto de cada categoria, que consolida os temas que apresentam similaridades, e determinar que aspecto dos dados cada tema captura”, trazendo exemplos particularmente vívidos que capturem os pontos, dando uma amarração final (Braun; Clarke, 2006, p. 21-22).

Ademais, para deixar essa etapa mais palpável para os leitores o teor de parte destes materiais, para tanto, foi criada uma conta no Instagram que agrupa fotos tiradas ao longo de toda a trajetória, além de duas exposições fotográficas, intituladas “Quanto tempo(?): nas viagens da memória em imagem” e “Nota de Repúdio”, expostos nos campi da UFSCar durante o Festival Somos Cultura.

Em resumo, nos capítulos seguintes realizo o diálogo entre os resultados obtidos através das variáveis consolidadas, com a literatura contemporânea sobre os temas abordados. Utilizo as fotografias para dar maior ênfase e detalhamento dos tópicos abordados, possibilitando um diálogo horizontal e vívido, dando-lhes a oportunidade de vivenciar comigo

³ Braun e Clarke (2006) sugerem a utilização das seis fases: 1) familiarização com os dados; 2) geração códigos iniciais; 3) busca de temas; 4) revisão de temas; 5) definição e nomeação de temas e 6) produção do relatório.

cada entrevista, evento, exposição, músicas e cantigas citadas, e as histórias das variáveis consolidadas. Os capítulos desta monografia estão dispostos por:

No primeiro capítulo, intitulado “Apresentação do invisível”, explora a interseção entre a Sociologia das Relações Raciais e a nova abordagem da Gerontologia das Diferenças, que examina as disparidades no envelhecimento entre negros e não negros e suas representações na mídia. Embora o conceito de “raça” seja uma construção social sem base científica, tem historicamente sido usado para justificar a dominação e opressão, promovendo estereótipos raciais prejudiciais. O racismo moderno, reconfigurado em torno de etnia e diferenças culturais, ainda perpetua desigualdades, especialmente na mídia, onde os negros são frequentemente representados de maneira estereotipada. A Gerontologia das Diferenças visa compreender como fatores como raça e etnia influenciam o envelhecimento e promover uma representação mais inclusiva e equitativa das pessoas idosas.

O segundo capítulo, analisa a marginalização histórica da população negra em São Carlos, desde a formação da cidade no século XIX com trabalho escravo até a abolição gradual da escravidão e a persistência do racismo estrutural. A cidade enfrentou diversas leis discriminatórias que limitaram os direitos dos negros, e apesar da abolição formal em 1888 e avanços posteriores, a população negra ainda enfrenta desafios significativos, como maior pobreza e menor acesso à educação e proteção social. As entrevistas com idosos negros revelam como estereótipos e exclusão histórica continuam a impactar sua inclusão social e a necessidade urgente de ações afirmativas para promover equidade e participação plena.

Por fim, o terceiro capítulo explora como a cultura negra, fundamental para a identidade brasileira, começou a ser reconhecida apenas no século XX e ainda enfrenta resistência devido ao racismo e à intolerância. Apesar da Lei 10.639/2003 exigir o ensino da história e cultura africana nas escolas, essa integração é insuficiente, na prática. A cultura afro-brasileira, embora tenha contribuído significativamente para várias áreas, ainda lida com uma falta de representação positiva na mídia e desafios na construção de uma identidade negra sólida. A multiplicidade de identidades e a resiliência das pessoas idosas negras são destacadas como elementos-chave na luta por reconhecimento e inclusão. O capítulo enfatiza a importância da oralidade e da expressão cultural na preservação da identidade negra e na resistência contra estigmas, enquanto critica a falta de efetividade das políticas públicas na promoção da igualdade racial.

Em suma, as considerações finais abordam a realidade enfrentada por idosos negros em São Carlos, destacando problemas como a falta de pertencimento e a baixa representação midiática, que afetam a participação em atividades sociais e culturais. Enfatizando a necessidade de valorizar a cultura negra e visibilizar as lutas históricas e atuais dessa comunidade, utilizando o conceito de “Ubuntu” como uma força de resistência. O estudo também aponta para a importância de descolonizar a memória e integrar a cultura afro-brasileira nas narrativas públicas, buscando reduzir o apagamento histórico e promover uma identidade mais inclusiva e representativa.

CAPÍTULO 1 - Apresentação do Invisível Visível

Início essa dissertação em meio a pensamentos ao reviver momentos dessa pesquisa. Afloro pensamentos dando início a sua leitura de forma dinâmica, onde sentira um pouco sequer da história de pessoas pouco vistas, temo a dizer comum em meio a qualquer outra que já passou ao seu lado na rua, mas dessa vez, você terá acesso a como a Sociologia das Relações Raciais e algo que chamaremos de Gerontologia das Diferenças — um campo que será desenhado no decorrer dessas linhas, e faremos dele nossa base de pesquisa-, definem e discorrem sobre as diferenças do envelhecimento negro e não negro e a representação midiática.

Embora o conceito de “raça” seja frequentemente utilizado como um marcador biológico para classificar indivíduos e grupos, Kabengele Munanga (2004) nos adverte que essa é uma construção social desprovida de base científica. Etimologicamente, o conceito de raça veio do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie (Munanga, 2004), que ao longo da história, essa palavra foi utilizada para legitimar a dominação e a subjugação de grupos considerados inferiores.

No século XVIII, a cor da pele se tornou o principal critério para a classificação racial, dividindo a humanidade em três grupos estanques: branca, negra e amarela. Essa divisão artificial, baseada em características físicas superficiais, deu origem à falsa ideia de superioridade racial branca, utilizada para legitimar a escravidão e outras formas de opressão.

Assim, segundo Munanga:

Percebe-se como o conceitos de raças “puras” foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais (Nobreza e Plebe), sem que houvessem diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes.

O racismo, conforme observado por Munanga (2004), transcende a mera distinção física para se tornar um sistema de pensamento que associa características biológicas a comportamentos e capacidades morais e intelectuais. Dessa forma, esse estigma corporal,

sustentado pela ficção de uma “raça superior”, perpetua-se por meio de representações e imaginários coletivos, mesmo quando a ciência nega a existência de raças biológicas.

Atualmente, o racismo nas sociedades contemporâneas se reconfigura em torno de conceitos como etnia, diferença cultural e identificação, sem necessariamente depender de fundamentos biológicos. No entanto, suas vítimas continuam sendo as mesmas, evidenciando que as raças de outrora se transformaram em etnias de hoje. Esse fenômeno paradoxal reflete-se na busca tanto por reconhecimento e valorização das identificações culturais, como pelos movimentos que reivindicam a supremacia cultural em detrimento de outras culturas.

Assim, a literatura de Munanga (2004), nos convida a questionar e desafiar esses construtos históricos e sociais, explorando como as narrativas raciais moldam as estruturas de poder e as relações sociais no Brasil e além. Dando pautas para estereótipos de construções sociais que simplificam e categorizam grupos de pessoas com base em características percebidas como típicas, sendo esse um aspecto importante do discurso colonial em sua dependência do conceito de “fixidez” na construção ideológica da alteridade (Bhabha, 1998).

Dessa forma:

O estereótipo, que é a principal estratégia discursiva de uma representação paradoxal, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido... como se a duplicidade essencial do asiático ou a bestial liberdade sexual do africano, que não precisam de prova, não pudessem, na verdade, ser provados jamais no discurso (Bhabha, 1998).

Sales Jr. (2006) observa que eles não são apenas imagens distorcidas, mas sim mecanismos complexos que refletem e reforçam relações de poder e hierarquias sociais. O conceito de “complexo de Tia Anastácia” exemplifica essa dinâmica ao descrever como pessoas negras são integradas à estrutura familiar de maneira subalterna, sendo consideradas “quase da família”. Esta representação não apenas ilustra estereótipos raciais arraigados, mas também revela um não-dito racista que impõe limitações sutis à ascensão social dos negros. Dando espaço para o “pacto de silêncio”, mencionado por Sales Jr. (2006), sendo ele um componente crucial nesse contexto, estabelecendo que a aceitação social dos negros está condicionada à conformidade com normas de cordialidade e clientelismo que regulam a distribuição de favores e reconhecimento na sociedade.

Analisar estereótipos não se resume a identificar concepções simplistas; requer uma compreensão mais profunda das estruturas sociais subjacentes. O “complexo de Tia Anastácia” exemplifica como a ideia de cordialidade pode mascarar relações desiguais de poder, perpetuando a marginalização dos indivíduos negros. Este fenômeno sociocultural revela um sistema de normas não explícitas que sustentam estereótipos prejudiciais e limitam as oportunidades de ascensão social para grupos minoritários. Dessa forma, o estereótipo racial é um modo de representar, é uma forma de conhecimento e de uma posição de poder para produzir um saber suficiente para o conhecimento do outro e uma identificação ambivalente (D’ Almeida, 2015).

O discurso do estereótipo racial do negro, imbricado na cultura de massa, funciona como ferramenta de poder. Através da produção industrial de cultura em massa, por meio de rádios, cinemas e televisões controlados por grupos privados com interesses econômicos, políticos e culturais dominantes, estereótipos negativos sobre negros são disseminados e reforçados. Conforme D’Almeida (2015), a discriminação racial se alimenta da diferença, necessitando que ela seja constantemente lembrada e apontada através de estereótipos. A cor da pele, o cabelo crespo e outros traços físicos ou culturais se tornam marcadores de inferioridade, construindo uma identidade negativa e relegando negros a posições subalternas na sociedade de sua infância a velhice.

Na cultura da representatividade, a performance da negritude estereotipada é frequentemente abordada como um dos maiores desafios das representações de pessoas idosas negras desde sua primeira aparição na televisão e mídias em geral. O binarismo do negro em sua participação midiática — sendo ela de um traficante ou empregado de família branca de classe média — contribui para uma visão estereotipada e irreal do que se está no cotidiano brasileiro. Considerando que, o estereótipo como um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, ansioso ao mesmo propondo em que seja afirmativo, exigindo não apenas que ampliemos nossos objetivos críticos e políticos, mas que mudemos o próprio objeto da análise (Bhabha, 1998).

Assim:

O estereótipo do negro na telenovela se tornou propriamente um recurso narrativo comum para caracterizar, sobretudo, alguns tipos de personagens que foram tornados típicos para os negros — empregados domésticos, trabalhadores sem qualificação, a mulher hiperssexual, entre outros. Esses estereótipos compõem um conjunto de personagens que se apresentam repetidamente nessas narrativas como se fossem

arquétipos do negro, supondo que haja no ator ou atriz negra um ethos de desempenho racial para esses papéis numa telenovela (D' Almeida, 2015).

Peguemos atores e atrizes negras de novelas e filmes, reconhecidamente populares em suas participações de diferentes épocas, em uma busca rápida na web de que nomes como: Ruth de Souza, Cacau Protásio, Luiz Antonio do Nascimento, Grande Otelo, Mariah da Penha, Lázaro Ramos, Taís Araújo, Milton Gonçalves, Zezé Motta e entre outros são marcados em sua jornada em suas participações secundárias de personagens com falas cômicas, banhadas em malandragem, preconceitos, sexualização e baixa escolaridade.

Figura 1 - Atores e atrizes negras



Fonte: Elaborado pelo autor

Confirmando que,

[...] A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois 226 não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha (Gonzales, 1979b), pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados (Gonzalez, 1984).

A representação do negro na cultura brasileira permeada por estereótipos e distorções que refletem um racismo estrutural profundo. Como aponta Lélia Gonzalez (1984), o racismo se manifesta como um sintoma da neurose cultural brasileira, alimentando os estereótipos que perpetuam a visão do negro como inferior e submisso. Essa narrativa serve aos interesses de uma hegemonia branca que historicamente domina as instituições e os discursos de poder.

Gonzalez (1984) também discute a dinâmica de infantilização e desempoderamento do negro, onde a voz e a autonomia são negadas em favor de uma representação controlada e distorcida. Segundo a autora, essa prática perpetua uma relação de subordinação e silenciamento, essencial para a manutenção das estruturas de poder estabelecidas.

A proposta de “performar a negritude”, conforme argumentado por Kilomba (2019), frequentemente surge como uma resposta a essa marginalização. No entanto, essa prática pode se tornar problemática quando reduz o negro a um conjunto limitado de estereótipos aceitáveis pela sociedade dominante, em vez de celebrar a diversidade e a complexidade das experiências negras. Essas representações estereotipadas não apenas perpetuam preconceitos enraizados, mas também dificultam o avanço em direção a uma verdadeira igualdade e inclusão.

A representatividade midiática é uma questão crucial na construção das percepções sociais e na formação de opiniões. Como afirmado por Moratelli (2021), os meios de comunicação não apenas moldam nossa visão da realidade, mas também definem o que é considerado digno de debate e discussão. No entanto, é importante reconhecer que muitas vezes as narrativas veiculadas pela mídia hegemônica não refletem a diversidade da sociedade.

O conceito de “Narrativas de Exceção”, conforme explicado por Moratelli (2019), destaca justamente aqueles temas e grupos sociais que não recebem a devida atenção na mídia convencional. Isso inclui pessoas negras, idosas, obesas, pessoas com deficiência, entre outros. Ao ignorar ou marginalizar tais grupos, a mídia contribui para a perpetuação de estereótipos e preconceitos.

Um exemplo claro disso é a representação de personagens negros e pessoas idosas como coadjuvantes, raramente como protagonistas. Essa tendência não apenas reforça padrões estéticos eurocêntricos, como também alimenta a percepção de uma sociedade majoritariamente branca e jovem, como observado por Moratelli (2021).

O fenômeno do “contágio racial”, mencionado por Grada Kilomba (2019), é outra manifestação do racismo estrutural presente na mídia e na sociedade em geral. Esse conceito descreve a tendência de se manter marcos territoriais intransponíveis, reforçando a ideia de que cada grupo deve permanecer em seu próprio lugar. Isso contribui para a guetificação, um mecanismo de controle político e exploração econômica das pessoas negras, como destacado por Kilomba.

Diante desse cenário, é fundamental analisar a trajetória das representações midiáticas e sociais do envelhecimento, com um olhar específico para as pessoas idosas negras. Como sugerido por Stuart Hall (2003), a cultura desempenha um papel fundamental na configuração das identidades e dos acontecimentos históricos. Portanto, é preciso questionar as narrativas dominantes e lutar por uma mídia mais inclusiva e representativa, que reflita a verdadeira diversidade da sociedade.

Assim daremos início a Gerontologia das Diferenças como um ramo da Gerontologia que se concentra nas diferenças sociais e étnicas/raciais no envelhecimento. Esta abordagem procura compreender como as diferenças individuais e ambientais afetam o envelhecimento e como essas mudanças afetam a saúde das pessoas idosas. Também examina como o envelhecimento social, as práticas e as atitudes variam por gênero e país.

A interseccionalidade é uma ferramenta importante a ser usada na Gerontologia da Diferença. Este conceito ajuda a compreender como as diferentes formas de auto expressão e abuso estão relacionadas e fornece uma imagem melhor da experiência de envelhecimento. Por exemplo, uma mulher negra mais velha enfrenta problemas diferentes de um homem negro mais velho, e essas diferenças devem ser levadas em conta para compreender o envelhecimento na totalidade.

A diversidade do envelhecimento é amplamente explorada. Aqui analisamos como as diferenças de gênero, etnia/raça e as preferências sexuais afetam o envelhecimento e como isso pode afetar os cuidados e a formação. Da mesma forma, diferentes culturas e sociedades apresentam diferentes formas de envelhecer, o que também afeta a vida das pessoas idosas. A Gerontologia das Diferenças também se dedicará a desenvolver e avaliar políticas e práticas que promovam a inclusão e a equidade. Isto pode incluir a prestação de serviços sociais e de saúde que satisfaçam as necessidades específicas dos grupos mais velhos, programas educativos para aumentar a sensibilização para as desigualdades relacionadas com a idade e a reforma das políticas públicas para serem inclusivas e consistentes.

Finalmente, os resultados e métodos são adaptados às diferentes experiências das pessoas idosas. Isto requer utilizar métodos quantitativos e qualitativos para compreender as complexidades do envelhecimento em diferentes grupos. A importância da Gerontologia da Diversidade reside na sua capacidade de promover a compreensão e a igualdade do envelhecimento, para garantir que todas as pessoas, independentemente da identificação, sejam apoiadas adequadamente para o envelhecimento e a saúde. Este método cria um sistema melhor e mais eficiente que aborda os desequilíbrios e celebra a diversidade do envelhecimento.

1.1 Muito prazer, eu sou o invisível.

Nesta seção apresento-lhes os participantes das duas partes da pesquisa A Memória em Imagem, sendo a primeira parte intitulada como “Análise crítica do envelhecimento negro e não negro e a representação midiática” que teve seu enfoque nos profissionais e aprofundação dos campos, devido à espera de aprovação do TCLE, que será aprofundado no decorrer dos capítulos. Já, com relação aos participantes principais dessa pesquisa, apresentaremos 16 participantes dos três ambientes, havendo a separação entre os que se autodeclararam negros e os não negros; assim, lhes mostro um resumo de suas respostas da primeira pergunta da *entrevista semi-estruturada*⁴.

ulo deste subcapítulo, "Muito Prazer, Meu Nome é Invisível", foi escolhido como uma forma de representar simbolicamente a invisibilidade social que permeia a vida de muitos dos participantes desta pesquisa, especialmente aqueles que se autodeclararam negros. Essa invisibilidade não é apenas física, mas também simbólica e midiática, refletindo o apagamento e a marginalização que afeta a percepção pública do envelhecimento negro. Através das histórias e experiências desses indivíduos, buscamos expor como suas vozes e imagens têm sido historicamente silenciadas e pouco representadas nos espaços midiáticos, o que reforça a exclusão e o distanciamento social. Portanto, o título é uma crítica à ausência de reconhecimento e valorização dessas trajetórias de vida, destacando a necessidade de tornar visível aquilo que há tanto tempo tem sido negligenciado.

⁴ O roteiro de entrevista pode ser encontrado no Apêndice E deste documento.

Quadro 1 — Caracterização dos profissionais participantes (n= 7)

Sujeitos	Gênero	Autodeclaração étnico-racial	Campo	Cargo
Paula	Feminino	Branca	CCI	Gestor
Gabriela	Feminino	Branca	CCI	Estagiário
Roberto	Masculino	Branco	UATI-FESC	Secretário
Sueli	Feminino	Branca	UATI-FESC	Colaborador
Vitória	Feminino	Branca	UATI-FESC	Colaborador
Akin	Não binário	Negro	Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira	Auxiliar Administrativo
Marcio	Masculino	Negro	Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira	Gestor

Fonte: Elaborado pela autora em 2023.

As falas dos profissionais atuantes no campo de estudo foram cuidadosamente exploradas com o intuito de conhecer melhor o perfil das pessoas idosas que frequentam o local e entender o histórico e a relevância do espaço investigado. Durante esse processo, emergiram informações cruciais sobre a atuação governamental, as atividades desenvolvidas, as leis que impactam diretamente a dinâmica do campo, e os momentos de pausa e reflexão que moldaram sua trajetória. Além disso, foram identificadas figuras importantes para a história e desenvolvimento do local, cujas contribuições ajudaram a consolidar as práticas e o ambiente como espaços de convivência e acolhimento para a população idosa. Tal levantamento foi fundamental para traçar um panorama mais completo e contextualizado, ampliando a compreensão sobre as especificidades do envelhecimento nesse cenário.

A seguir, apresentarei os participantes desta pesquisa, divididos em dois grupos: aqueles que se autodeclararam negros e os que se identificaram como não negros. Essa separação tem como objetivo permitir uma análise mais detalhada e comparativa sobre as percepções e vivências em relação ao envelhecimento, considerando as especificidades raciais. A apresentação dos participantes será feita com base em suas respostas à primeira pergunta da entrevista semi-estruturada, que nos permitirá vislumbrar aspectos importantes de suas trajetórias de vida, suas relações com o campo e suas percepções sobre o processo de envelhecimento.

Quadro 2 — Caracterização dos participantes negros idosos (n= 8)

Sujeitos	Gênero	Idade	Autodeclaração étnico-racial	Campo
João	Masculino	60	Negro	Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira
Leandro	Masculino	88	Negro	Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira
Geraldo	Masculino	86	Negro	Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira
Alice	Feminino	60	Negra	Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira
Thiago	Masculino	67	Negro	Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira
Vânia	Feminino	61	Negra	Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira
Amélia	Feminino	60	Negra	Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira
Fátima	Feminino	90	Negra	Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira

Fonte: Elaborado pela autora.

João

“Eu sou pai, e, acima de tudo, sou o pai que sempre quis ser. Sempre fui muito trabalhador, ajudava em casa e nunca tive brigas com ninguém, mas passei por momentos complicados. Meu pai tinha problemas com bebida e, embora não chegasse a agredir fisicamente, vivíamos em um ambiente de muitas discussões. Uma vez, fiz algo que nunca vou esquecer: respondi ao meu pai.

Foi a partir daí que comecei a beber também e a brigar com ele. Nunca esquecerei a expressão dele, quando estava bêbado, especialmente porque, quando não estava sob efeito do álcool, ele era o homem que eu sempre admirei. Tive problemas com a bebida, chegava a trabalhar em condições precárias e, em um momento crítico, não compareci ao trabalho. Superei essa fase porque todos que caem precisam de uma segunda chance para se reerguer.

Particpei de um grupo de break dance com jovens negros, e conquistamos prêmios e muita visibilidade. Sentíamos que estávamos no lugar certo na hora certa, embora não tivéssemos patrocínio. Fazíamos vaquinhas e vendíamos coisas para financiar nossos

uniformes. Enfrentamos muito preconceito e desacreditação, mas, no final, o projeto não deu certo porque ninguém conseguiu manter a iniciativa.

Hoje, dou palestras no AA e compartilho minhas conquistas, mas é crucial falar também sobre os momentos difíceis. São esses momentos que nos fortalecem e nos mostram a necessidade de reagir e seguir em frente”.

Leandro

Não sou descendente de escravo, sou descendente de alguém que foi escravizado.

“Eu vivi fora do país por um tempo, mas não apenas em lugares onde não havia negros. Passei uma grande parte da minha vida na África. Sendo sincero, posso contar poucas histórias sobre esse período, já que não foram muitos anos. Posso compartilhar minha própria história e a do meu pai, mas a do meu avô se perdeu com o tempo. Isso me faz refletir sobre o legado que meus antecessores deixaram para mim e o que eu deixarei.

Sou filho de um homem nascido em 1902, 14 anos após a abolição da escravidão. Meu pai cuidou muito bem de mim e do meu irmão mais velho. Consegui uma bolsa de estudos em um colégio particular, onde éramos poucos negros, mas todos nos conhecíamos. Recebíamos olhares tortos e ouvimos alguns comentários, mas consegui me formar, entrar no Exército, fazer um curso técnico e, posteriormente, a graduação em Engenharia Civil.

Hoje, moro aqui em São Carlos e conheço quase todos, nos meus 88 anos. Quando vejo alguém em um bairro diferente, pergunto aonde está indo. Na África, aprendi que a mulher africana é a mãe de todas as mães; tudo começou lá. A educação cultural e escolar nas tribos e cidades onde vivi não visava formar doutores, mas sim pessoas melhores, com respeito pelos mais velhos.

Me casei, tive minhas filhas e fiz de tudo para garantir que todas tivessem a formação que desejassem. Atualmente, cuido da minha neta para que ela tenha as melhores condições de estudo e, principalmente, porque ela é a luz da minha vida”.

Geraldo

Não é porque não senti o preconceito que quero que meus filhos e netos passem por isso.

“Muita gente acha que sou de São Paulo, mas, na verdade nasci em Minas Gerais, tenho 86 anos. Vim para São Paulo com apenas um ano, então nem tenho lembranças do lugar onde nasci. Em 10 de janeiro de 1978, me mudei para São Carlos. Antes disso, em São Paulo, casei com o amor da minha vida e, depois, nos estabelecemos em São Carlos.

Quando cheguei a São Carlos, comecei a trabalhar na CBT. Em 1982, saí da empresa e, como estava pensando em voltar para São Paulo, surgiu a oportunidade de abrir um comércio. Assim, decidi abrir um bar. Durante a escolha do nome, discutimos muito sobre como chamá-lo. Como o apelido carinhoso que eu tinha para minha esposa era Criola, decidimos nomear o bar de Bar da Criola. Mais tarde, quando mudamos para a nossa casa, o nome foi alterado para Toca da Criola.

Passamos os melhores anos das nossas vidas na Toca da Criola. Muitos artistas e pessoas importantes vieram a São Carlos, e promovemos bailes e grandes festas. Recebemos um grande apoio da comunidade negra.

Quanto a preconceitos, eu não senti muito. Na verdade, não me lembro de ter passado por situações desse tipo. Se minhas filhas enfrentaram algum tipo de preconceito, sua mãe lidou com essas situações de maneira mais adequada, pois eu teria abordado de forma diferente”.

Alice

Seu corpo e sua imagem chegam antes de você.

“Eu sou a Alice, não sou casada, nem tenho filhos. Fui criada no campo, na roça, e tenho quatro irmãos: uma irmã e três irmãos. Eu sou a caçula da minha família, estou fazendo 60 anos agora. Enquanto meus irmãos não conseguiram concluir os estudos, eu fui a única a completar a educação básica, a faculdade e o doutorado, mas porque eu trabalhei desde muito nova e vi que não era isso que eu queria, então eu resolvi continuar estudando. Então eu ia para escola em outro bairro mais distante, chegava atrasada, depois retornava para casa meia-noite e as 05h da manhã tinha que estar de pé, porque passava a carreta para levar a gente para cortar cana

Meu pai teve a infância na Fazenda do Pinhal e teve 12 irmãos, dois dos quais eram gêmeos. Minha mãe faleceu aos 60 e poucos anos devido ao câncer. Minha vida tem sido uma

constante batalha. Meu pai sempre esteve ao meu lado, mas é impossível não enfrentar dificuldades. Minha vida é repleta de desafios, que acredito serem na maioria relacionados à minha cor. As minhas raízes, como meu cabelo, minha pele e meus traços, sempre estão presentes. Quando a Alice chega, não é apenas a pessoa que chega, mas também a minha cor e minhas roupas. Fica claro que o meu corpo chega antes da minha capacidade.

Hoje, trabalho na Secretaria de Educação, na seção do EJA. Recentemente, ao sair da minha sala, encontrei uma pessoa vendendo produtos no prédio. Quando voltei, ele me chamou e pediu um café. Na hora, não pensei muito sobre isso e falei com a chefe do gabinete sobre o pedido. Convidamos o homem para tomar o café, e, entre todas as pessoas que passaram por ele, ele nem pensou em pedir o café. São esses pequenos detalhes que demonstram que o corpo muitas vezes chega antes da capacidade da pessoa ser reconhecida.

Trabalhei a vida inteira em diversos empregos: no campo, colhendo laranjas e café; com faxina; em oficina mecânica; como babá e em casas de família; e também no corte de cana. Mas a questão não é o trabalho em si, e sim como as pessoas nos enxergam. É necessário ser forte, mas há momentos em que o cansaço se torna insuportável.

Infelizmente, há aqueles que conseguem superar essas barreiras e aqueles que são prejudicados. Embora digam que a cor não importa, as experiências muitas vezes mostram o contrário. Um exemplo é o estudo, eu preciso estudar duas vezes mais para entender o que as pessoas estão falando, mas não porque eu não tenho capacidade, mas porque eles tiveram vivências que eu não pude ter”.

Thiago

“Fui criado na Vila Isabel, hoje chamada de Vila Irene, que é um bairro de famílias negras. Meu pai era um músico importante de uma orquestra de negros, com o saudoso Jair Rodrigues. Quando eu era pequeno, gostava muito de brincar. Meu primo me levou para o esporte aos 7 anos e, aos 10, já estava no atletismo da cidade.

Na época, Nelson Prudêncio era o governador da cidade. Ele viu o quanto eu corria, pois eu era jornaleiro e entregava 280 jornais. Um dia, todos os meus jornais caíram, e Nelson viu. Ele me disse: “Passe amanhã na universidade.” Foi assim que comecei a trabalhar na universidade. Quando entrei na universidade, me envolvi no movimento negro chamado Congada, um dos primeiros movimentos negros do Brasil, com o Gama de Araraquara. Criamos um festival chamado Festival Comunitário Negro Zumbi, que começou em

Araraquara, em 1978, e com isso fomos arrecadando dinheiro para ajudar as pessoas. O que aprendi com meus pais e avós, passei adiante, que é compartilhar nossa cultura.

Descobri que minha tataravó foi escrava na Fazenda Santa Maria, e os donos colocavam os nomes da fazenda nos escravos para marcar. Por isso, meu sobrenome é esse. Então, resolvi entrar no basquete, porque no atletismo não havia patrocínio. Tive que trocar de esporte, pois usava uma sapatilha de couro que, quando suava, cortava todo o meu pé. Ganhei uma sapatilha francesa e fui campeão paulista e regional, mas, como não havia patrocínio, abandonei o atletismo e fui para o basquete.

No basquete, tinha dois amigos negros que estudavam na federal. Como morava longe, chegava atrasado e o portão já estava fechado. Então, tinha que pular o portão e jogava chateado. Cheguei a jogar pelo Brasil, mas abandonei em 1983.

Então, me disseram: “Nossa, você pula bem! Já jogou vôlei?” Eu ri e falei que nunca tinha visto, nem sabia jogar vôlei. Formaram um time de porta de boteco. Ninguém tinha roupa adequada, usávamos meiões de futebol, e fomos campeões paulistas três vezes.

Em 2005, aprendi a dançar e conheci minha parceira de dança. Começamos a nos apresentar e ensinar a garotada, e recebemos o título de Oscar do Samba Rock em 2014. Tive uma vida muito boa, apesar da minha condição de saúde. Já passei por momentos que nunca imaginei enfrentar, mas, ainda assim, minha vida é boa.

Passei por situações de preconceito, mas nunca vou admitir que meus filhos passem por isso. Quando eles passaram, minha mãe e eu fomos atrás, mas nunca tivemos a cobertura da mídia e da imprensa. O jornal nem quis saber. Quando houve um burburinho e eles me procuraram, cortaram o que eu queria falar. Esta cidade é assim, já ocorreram vários casos de racismo. Eu presenciei situações em que você chegava a um salão e os caras diziam que você não podia entrar com aquela roupa, porque era roupa de negro. Meu pai falava muito disso; nem na calçada você podia passar”.

Vânia

“Eu sou Vânia, nasci em São Carlos no dia 17 de abril de 1934, tenho 90 anos. Na minha infância, vivi inicialmente no começo da Rua Padre Teixeira, que na época era chamada de Cinzeiro. Depois, me mudei para a Rua Sete de Setembro, também perto da Instituição de Longa Permanência, e, por fim, para a região do Jardim São Carlos, onde resido atualmente.

Estudei o primeiro e o segundo ano primário na Escola do Flor de Maio e, em seguida, transferi-me para a Escola Cel. Paulino Carlos. Com dez anos, já trabalhava como doméstica e, entre outras atividades, aprendi a profissão de costureira, que exerci durante muitos anos.

Quando adulta, trabalhei na copa do Banco Itaú da Vila Prado e, posteriormente, na Electrolux, onde conheci meu esposo. Juntos, vivemos por 49 anos e tivemos três filhos e três netos. Depois, ingressei na Prefeitura Municipal, onde trabalhei em postos de saúde e no paço municipal, chegando até o gabinete do Prefeito. Por último, estive no Balcão de Empregos, onde permaneci até me aposentar.

Na juventude, era uma jovem muito bonita e meu pai, sempre orgulhoso, me exibia como um verdadeiro diamante. Participava de muitas festas e bailes da época, sempre na companhia do meu pai. Fui coroada Rainha do Grêmio Recreativo Familiar Flor de Maio em duas ocasiões e até hoje sou lembrada pelos saudosistas como a eterna rainha do clube.

Já fui entrevistada algumas vezes, tiveram uma série de vídeos que perguntaram de mim e da cidade, falei sobre quando fui homenageada, mas nunca falei sobre quando me olhavam estranho, um olhar torto, ou de quando me chamavam de macaca”.

Amélia

Hoje, sou mãe, esposa e sigo o candomblé. Assumo minha história e tudo que conquistei. Mas o racismo ainda existe, e às vezes o sinto de longe.

“Minha família sempre me apoiou. Estudei dança e fui a única menina negra a fazer ballet em uma escola considerada elitista na época. Precisei me esforçar cinco vezes mais para manter minhas notas, cuidar dos meus irmãos e continuar com a dança. Treinava até meus pés sangrarem, mas sempre me apresentava com paixão.

Houve momentos em que precisaram acreditar em mim mais do que eu mesma. Me colocavam nos fundos para não chamar muita atenção, mas quando me viam brilhar no palco, sentia uma enorme realização. Minha primeira viagem internacional foi um marco: o coreógrafo me destacou e me deu a oportunidade de mostrar meu talento.

Nas minhas primeiras viagens, as diferenças eram gritantes. Enquanto as outras exploravam as cidades, eu era frequentemente confundida com a empregada do grupo. Sofri com o racismo, ouvi xingamentos e me senti excluída.

Após me formar como dançarina, alcancei feitos inéditos para jovens negros, mas ainda precisei trabalhar em Araraquara por falta de apoio da cidade de São Carlos. Mas agora que voltei, tenho muito a fazer, se hoje sou reconhecida pelos meus alunos na rua por ter transformado suas vidas através da dança, como podem dizer que uma mulher negra como eu ser tão ruim?”

Fátima

“Eu acredito que um dia tudo pode melhorar, que vamos ser vistos como iguais, como somos de fato. O importante é não perder a esperança...”

“Eu sou a quinta das sete mulheres; meus pais tiveram sete filhas. Todas as minhas irmãs trabalhavam na roça com meus pais; eu nunca cheguei a trabalhar lá. Meu pai me levou algumas vezes, mas eu não trabalhei. Eu precisava estudar, eu queria estudar, porque a minha irmã, dois anos mais velha, cuidava da casa. Mas eu achei interessante um rapaz que embrulhava os produtos em jornal, e eu tinha curiosidade de ler as palavrinhas no jornal. Meus pais eram analfabetos, mas o papai foi à escola até certo ponto. Trabalhei na página; minha mãe não tinha muito essa coisa de estudar, mas o papai levava isso mais a sério. Quando eu me formei, meu papai foi trabalhar como servente de pedreiro na UFSCar, e eu fazia estágio na UFSCar. Era um grande orgulho para ele ter uma filha que estagiava na UFSCar. E o pessoal, quando meu pai ficou doente, foi lá em casa para ensinar meu pai; ele terminou o 8º ano. Mas, devido à doença, ele não conseguiu continuar, enfrentou problemas financeiros e de saúde.

Eu sempre incentivei minhas irmãs a estudarem, mas não consegui muito com elas. Elas viam a necessidade, mas ainda assim diziam que eu era metida, que queria ser o que não era, e eu trabalhava e estudava. Chegamos a brigar e tal; algumas voltaram a estudar, fizeram supletivo, mas consegui incentivar mais meus sobrinhos e meu filho. Tanto que um foi para a faculdade, outra fez enfermagem na USP, outra também fez USP e UNESP. Mesmo que não exerçam a profissão, é importante estudar porque é fundamental aprender. Levei meus

sobrinhos à UFSCar, e eles ficaram encantados. Tanto que, algum tempo atrás, a mesma palestra que eles assistiram comigo, eles deram na mesma sala.

Meu filho, infelizmente, não foi muito longe, mas tenho muito orgulho dele, porque ele passou por muita coisa. Ele era uma pessoa negra em uma escola particular; fez inglês e informática, mas não conseguiu se comunicar bem e não se abria. Ele passou por uma psicóloga para tentar superar isso, mas não conseguiu. Hoje, ele está bem. Enfim, estudei, me formei, trabalhei e hoje estou aqui.

O trabalho não foi muito tranquilo. Tenho 65 anos, então foram muitas coisas que precisei superar, muitos xingamentos que precisei escutar. Às vezes, o que resolve é uma porrada mesmo, mas eu sempre aprendi e tenho a crença de que tudo se resolve com palavras”.

Quadro 3 — Caracterização dos participantes não negros idosos (n= 8)

Sujeitos	Gênero	Idade	Autodeclaração étnico-racial	Campo
Angel	Feminino	69	Branca	UATI-FESC Campus 2
Mira	Feminino	67	Parda	UATI-FESC Campus 2
Nice	Feminino	74	Branca	CCI
Yuli	Feminino	72	Amarela	CCI
Helena	Feminino	76	Branca	CCI
Clara	Feminino	69	Branca	CCI
Cleuza	Feminino	74	Branca	CCI
Lourdes	Feminino	65	Branca	CCI

Fonte: Elaborado pela autora.

Angel

“A Angel é uma menina confusa que hoje posso finalmente dizer isso, eu tenho 69 anos, trabalhei bastante, viajei bastante, sempre fui uma pessoa dedicada, fiel com a minha família, tem um termo que hoje chamam de “maria vai com as outras”, de todas essas qualidades minhas, eu tenho muitos defeitos, eu tento tirar isso, estou numa fase de policiamento, por ser muito insatisfeita, eu sou muito insatisfeita com a minha vida, eu sou muito impetuosa e ansiosa.

Eu sou uma mãe, mas eu não sou só uma mãe. Estou sozinha, mas não sou de fato sozinha, tenho amigos, tenho meu filho, mas por que eu tenho tanto medo dessa minha velhice? Ajudo muito as pessoas, busco estar presente na vida das pessoas. A vida é difícil, eu entendo que tudo aconteceu e tudo que fiz é porque tinha que acontecer.

Coloco meus afazeres em lembrete na cozinha, busco ter novos conhecimentos hoje, faço meus cursos, faço minhas atividades físicas, busco estar muito ativa para poder viver o que sempre quis. Tive uma vida ótima, não pense que to ruim, pelo contrário, sempre tive uma vida muito boa. É que não é porque envelheci que tenho que parar de viver, de trabalhar, e hoje sei como é importante manter a mente em movimento.

Eu não sou muito de televisão, gosto mais de ver as coisas, mas eu nunca vi muita diferença entre negro e branco. Talvez porque nunca foi algo que me gerou incomodo. Nunca pensei nessa coisa de estereótipo, de malandragem, porque não é algo que me fere de alguma forma. Mas em jornal sempre tem isso de colocar o negro como traficante, drogado, ladrão. Isso, sim, me incomodou. Porque todo mundo erra, mas outros estão em situações que não conseguem ver outra situação do que “errar”, que não é de fato um erro, mas uma forma daquela pessoa sobreviver e cuidar da família dela”.

Mira

“Eu tenho 67 anos, sou uma baiana arretada, casada e muito bem casada com meu véio’, sou mãe de 13 filhos, hoje são 12 porque um dos meus pequenos não conseguiu viver depois de nascer. Eu não tenho muito estudo não, minha fia, meu pai que era da roça me boto logo cedo para trabalhar, pegar na enxada e logo depois eu me casei com um homem muito bom, que me deu meus menino’. Por trabalhar no sol quente eu fiquei assim queimada, falam que é parda lá no documento, mas é “cor de burro quando foge”.

Minha vida é de muita benção! Tenho meus fi’, meus 10 netos, meus cachorros, periquito, o que vier para minha porta eu boto para dentro. Meu coração é muito grande, a gente tem que cuidar dos bichinhos, porque eles são os presentes de Deus aqui na terra. Eu confio muito em Deus, todo domingo eu vou no’ culto, meu pastor é um bom homem e tem muita gente boa no mundo ainda; mas eles me destrata’, porque eu não tenho leitura e me dá vergonha interromper para perguntar, mas eu não tenho vergonha de mim. Eu faço muita coisa que pouca gente que estudou a vida inteira pode fazer. Agora eu vou na FESC para fazer umas atividades, para cuidar da cabeça e do corpo, para conhecer mais gente, para ver coisas que

nunca tive condições de fazer antes. Agora que posso fazer, vou aproveitar para fazer tudo que eu puder.

Nunca pude tirar muita foto, nem tinha tv, fui ganhar meu primeiro celularzin' da minha nora. Mas eu não gosto de ver essas coisas de morte não, é só o que passa hoje em dia, eles falam que quem vem da roça é sem educação e não tem estudo, que nordestino é tudo pobre e que não tem cultura. Tudo isso é mentira, eu não tenho leitura porque meu painho' não tinha condição de cuidar da família sozinho, e eu sou muito grata a ele por me dar tudo de bom que tava no alcance dele, para mim e para minhas irmãs. Isso eu não vejo da tv".

Nice

"Eu me chamo Nice, tenho 74 anos. Sempre trabalhei, desde pequena meu pai me ensinou a respeitar sempre as pessoas, fui uma pessoa que pude estudar, porque fui criada depois por padrasto e madrasta, eles eram severo' demais. Meu padrasto bebia e me batia, que às vezes precisava me esconder debaixo da cama.

Trabalhei de doméstica até casar, tive 3 filhos, que são a razão da minha vida. Vivi 29 anos com o pai deles, depois me separei porque me torturava muito psicologicamente, não aguentei, me libertei faz mais de 20 anos, sobrevivi e hoje estou aqui. Comecei a fazer atividade e isto me ajudou muito, eu me libertei completamente! Hoje tenho outro companheiro e assim a vida continua.

Eu gostaria de ser vista com naturalidade, como idosa', sim. Como velha que não serve para fazer nada, não. Nós podemos e fazemos muita coisa ainda. Temos sabedoria, educação e devemos ser respeitados. Não gostaria de ver pessoas idosas nas filas esperando por muito tempo, nem se machucando nas calçadas e por outras pessoa' mais novas no jornal".

Yuli

"Eu, Yuli, tive uma infância muito boa. Eramos pobres, mas felizes, única coisa, ou melhor, herança que meu pai queria nos dar, era e deu estudos para os 9 filhos, todos estudaram, formaram 2 advogados, 2 dentistas, 4 professoras e 1 engenheiro e fomos bem felizes até agora.

Gosto do que faço agora, costuro e muito, faço todo trabalho de casa, meu marido cozinha (só cozinha) o resto faço eu.

Faço várias atividades, frequento o CCI, faço dança, cantamos, temos várias atividades. Frequento a associação de repouso e vamos todo sábado no karaokê. Pra' ser feliz não precisamos ter muito dinheiro, basta saber usar, juntar e ser feliz sempre”.

Helena

“Eu tenho 76 anos, sou branca, sempre morei na roça, lá a gente começa a trabalhar muito cedo, buscar água na bica, buscar lenha, lavar a louça, lavar a roupa, a tarde recolher tudo. Depois quando nós viemos morar na cidade logo as minhas irmãs saíram pra' trabalhar fora e tive que ficar para ajudar minha mãe porque nós eramos uma família grande e isso foi uma ordem do meu pai. Com vinte anos eu me casei, tive quatro filhos, hoje todos estão estabelecidos.

Agora sou viúva, moro sozinha, sou livre como sempre quis, faço minhas atividades, alongamento, academia”.

Clara

“Eu me chamo Clara, na minha vida eu tive muito o querer e não pude completar os meus estudos. Completei a 5ª série que naqueles tempo' era assim como se dizia, pois meus pais eram analfabetos e aprenderam só soletrar os nomes, mas fui aprender depois de certas idades, antes só assinalava com tinta e os polegar.

Lutei para poder estudar, mas não tive posses, comecei trabalhar para ter alguma coisa para ser feliz e sentir que um dia iria me casar e namorei quase 3 anos, conheci meu marido, me casei aos 18 anos e tive minha primeira filha, que hoje tem 58 anos, e outros 3 filhos homens, lutei para criar e educar, para eles poder' estudar.

Hoje sou viúva a 5 anos e me sinto um pouco triste separada dos meus filhos. Eles têm suas vidas, encontro às vezes com eles. Sinto saudades de almoços e de alegrias e falta deles reunidos.

Eu vivi. Completa a satisfação aqui no CCI, ensinamentos, exercícios dos professores, a coordenadora sempre me dá atenção e carinho e palavras de incentivo, fico alegre ao encontrar as amigas e companheiras, os abraços, as conversas, trocar ideias, festejar as datas de aniversário com felicidades”.

Cleuza

“Fora da caridade não há salvação, é meu lema...”

“Eu sou Cleuza. Comecei a trabalhar com 13 anos, pois tirei uma nota baixa, na escola, por isso foi o castigo ir trabalhar em uma fábrica. Minha formação profissional foi secretariado executivo, só que não pude trabalhar nessa área. Pois quando me formei fui obrigada a deixar meus sonhos pra’ trás.

Minha mãe adoeceu, entre trabalho e mãe, fui cuidar dela, nisso foram 4 anos. Aí, voltei ao mercado de trabalho, como vendedora, aí se foram 25 anos. Nesse meio tempo casei, tive dois filhos. Graças à esse castigo nos meus 13 anos, aprendi muitas coisas.

Eu deveria ter batido o pé com meu pai e seguido meu sonho de ser assistente social. Hoje faço bastante trabalho social, que é o que mais gosto. Faço parte do projeto doando amor, que me deixa muito feliz”.

Lourdes

“A vida é maravilhosa quando a gente aprende a vivê-la.”

“Eu, Lourdes é assim que gosto de ser chamada, na minha vida fiz muitas coisas, mas tinha que decidir o que seria. Então precisava trabalhar e estudar a noite, quando surgiu o curso superior a noite, prestei o vestibular e consegui. Fui fazer o curso de Educação Física, foi bem puxado, provas que saíamos 2h da manhã, mas enfim me formei.

Mas depois de certo tempo que comecei a lecionar, tive dificuldades pois tinha filhos pequenos e fui enfrentando e trabalhei 27 anos onde aposentei. E o que mais tinha vontade era fazer essas atividades, fui e senti realizada, principalmente a de dança. Não tenho tanta expressão e movimentos adequados, mas o que mais realizo sinto feliz e relaxada, e isso é o que mais gosto.

Mas além de tudo tenho uma família maravilhosa e que isso nos ajuda muito. O apoio da família e dos amigos me fortalece, até me sinto realizada e curada”.

Os relatos de pessoas idosas negras e não negras revelam diferenças significativas em suas experiências de vida, especialmente em relação ao racismo, desigualdade socioeconômica, preconceito e invisibilidade social. Essas dimensões afetam não apenas a

forma como essas pessoas interagem com a sociedade, mas também moldam suas identidades e bem-estar ao longo da vida. A desigualdade racial e suas consequências se tornam mais evidentes na velhice, onde os traumas acumulados podem resultar em uma qualidade de vida diferenciada.

As pessoas idosas negras frequentemente relatam experiências de discriminação racial que permeiam suas vidas e continuam a se manifestar na velhice. Essas experiências de racismo se apresentam de maneiras variadas, incluindo agressões verbais e atitudes discriminatórias, além de microagressões sutis que minam a autoestima e afetam a saúde mental. O constante enfrentamento do racismo não apenas cria um estigma social, mas também resulta em um sentimento de alienação. Por outro lado, as pessoas idosas não negras geralmente não vivenciam essas formas de discriminação racial, o que lhes permite transitar socialmente com um fardo a menos, contribuindo para um envelhecimento que pode ser mais tranquilo e sem o peso do preconceito.

As desigualdades socioeconômicas também são marcantes e se refletem nas oportunidades que cada grupo teve ao longo da vida. As pessoas idosas negras frequentemente têm uma trajetória de vida caracterizada pelo acesso limitado a oportunidades educacionais e a empregos bem remunerados. Essa falta de acesso resulta em dificuldades financeiras na velhice, levando muitas a continuarem trabalhando em empregos informais ou precários para complementar a renda. Em contraste, as pessoas idosas não negras geralmente relatam um histórico de maior acesso a oportunidades de educação e trabalho, resultando em uma situação financeira mais estável e em aposentadorias que proporcionam uma maior segurança econômica.

O acesso a serviços de saúde e políticas públicas é outra área em que as diferenças se destacam. Pessoas idosas negras frequentemente enfrentam dificuldades em acessar cuidados médicos de qualidade e serviços sociais, relatando experiências de discriminação no atendimento e barreiras na obtenção de tratamentos adequados. Isso é agravado por um histórico de desconfiança nas instituições de saúde, que pode levar a um cuidado inadequado. Já as pessoas idosas não negras, em geral, têm um acesso facilitado a sistemas de saúde e programas sociais, refletindo uma maior estabilidade em suas vidas e um suporte mais consistente durante a velhice.

Além disso, as pessoas idosas negras frequentemente sentem uma maior invisibilidade social, resultado do racismo e do etarismo que permeiam a sociedade. Essa

invisibilidade se manifesta em uma falta de representação em mídias e políticas públicas, onde suas histórias e experiências não são amplamente reconhecidas. Em contrapartida, as pessoas idosas não negras tendem a experimentar uma maior visibilidade e respeito social, o que contribui para uma sensação de pertencimento e dignidade que pode ser essencial para o bem-estar na terceira idade.

As histórias de vida também revelam diferenças significativas. Pessoas idosas negras muitas vezes compartilham relatos de superação diante de barreiras raciais e socioeconômicas, enfatizando a resiliência e a força diante das adversidades. Essas narrativas refletem não apenas os desafios enfrentados, mas também as conquistas e a luta por direitos. Enquanto isso, as histórias de pessoas idosas não negras, embora possam incluir outros desafios, geralmente não são marcadas pelo mesmo peso do racismo, resultando em uma percepção de envelhecimento menos confrontada por injustiças sociais.

Por fim, a saúde mental das pessoas idosas negras é frequentemente impactada por um histórico de discriminação racial, que resulta em traumas acumulados e um cansaço emocional que não afeta da mesma forma as pessoas idosas não negras. O estresse crônico e os efeitos do racismo podem levar a problemas de saúde mental que se manifestam como ansiedade, depressão e outras condições. Em resumo, as experiências de vida das pessoas idosas negras são profundamente moldadas por desigualdades estruturais e racismo, enquanto as pessoas idosas não negras geralmente vivenciam um envelhecimento mais protegido dessas barreiras, resultando em trajetórias de vida e bem-estar marcadamente distintas.

CAPÍTULO 2 - Desafios de Participação e Inclusão: obstáculos à participação e inclusão de pessoas idosas negras

O município de São Carlos, localizado na região central do Estado de São Paulo, formou-se de uma população estabelecida ainda na primeira metade do século XIX, com as primeiras fazendas tocadas a braço escravo (Truzzi, 2009). Hoje a cidade é moldada por um terço de sua população, sendo cerca de 32%, autodeclarados pretos e pardos segundo o censo do IBGE (2022). Ainda que apresente uma população minoritária é notável esse aumento populacional onde muitos desses são-carlenses são descendentes da comunidade afrodescendente escravizada para trabalhar nas lavouras de café. Sendo então, uma marca dos inúmeros percalços, embates ideológicos, políticos, culturais e sociais (Oliveira, 2015), tendo seu processo de abolição de forma lenta e gradual.

Mas, para isso, houveram medidas legislativas que contribuíram com a marginalização dos negros. Iniciando pela Lei nº 1, de 14 de janeiro de 1837, que proibia portadores de moléstias contagiosas, negros africanos e escravizados, ainda que livres ou libertos; Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850: aprovada no mesmo mês e ano da lei Eusébio de Queirós (Lei nº 581 de 4 de set de 1850), que previa o fim do tráfico negreiro e Lei de Terras, que buscava impedir que os negros adquirissem terras, evidenciando um esforço para manter a população negra economicamente desfavorecida; Lei nº 2.040 de 28 de set de 1871 – filhos de mulheres escravizadas nascidos a partir desta data ficariam livres; Lei nº 3.270 de 28 de setembro de 1885, concedendo liberdade aos escravos com mais de 60 anos. Sendo em 1888 a criação da Lei Aurea, colocando o fim da escravidão; no entrando o Código Penal – Decreto n.º 847, de 11 de outubro de 1890, criminalizou aqueles que perambulavam pelas ruas sem trabalho ou residência comprovada, afetando principalmente os negros recém-libertos; 1968 – Lei do Boi, dispunha sobre reserva de vagas para agricultores e filhos de agricultores no ensino público federal; sendo apenas em 1988, 488 anos após, para surgir uma constituição que determine que o racismo seja criminalizado.

Refletindo na população negra atual que, segundo Rabelo et al.:

A população afrodescendente apresenta maior pobreza (brancos no 1% com maiores rendimentos e pretos ou pardos entre os mais pobres), menor frequência escolar e

acesso ao ensino superior entre jovens, maior incidência de analfabetismo e menor proteção da previdência social (empregados com carteira de trabalho assinada, militares e funcionários públicos estatutários) (2018).

Como consequência disso, a composição étnico-racial sofreu grande alteração com a chegada dos imigrantes ao município de São Carlos (Truzzi, 2009). Ainda hoje os bairros majoritariamente negros continuam sendo Vila Nery, Vila Izabel, Vila Pureza, Cidade Aracy e Botafogo, acompanhado de uma porcentagem de descendentes de imigrantes italianos. Que, por sua vez, enfatizaram o enraizamento do racismo desde o período de colonização, tendo hoje uma situação complexa que afeta de forma que dificulta a participação, desenvolvimento e inclusão de pessoas negras, em especial as pessoas idosas. Tornando cada vez mais necessários esforços no sentido da ação afirmativa para combater o preconceito velado e a desigualdade racial.

As entrevistas com as pessoas idosas negras salientaram de maneira contundente como os estereótipos negativos perpetuados pela mídia exercem um impacto significativo na participação social desses indivíduos, para reforçar essa apresentação de uma figura que não condiz com a realidade. Com isso, a discussão vai além de uma simples análise de representação midiática, alcançando a essência da identificação negra e a resistência contra expectativas que buscam impor padrões alheios. Fanon (2008, p. 189) destaca esse ponto ao rejeitar a imposição de deveres que não se alinham com a diversidade intrínseca à identificação negra.

No cerne das entrevistas, emerge a narrativa de uma longa história de marginalização, que remonta desde leis discriminatórias até representações distorcidas na mídia. A citação de Fanon ressoa como um grito de autonomia diante de uma sociedade que muitas vezes tenta definir, de maneira limitadora, o que significa ser negro. Logo, as experiências compartilhadas pelos entrevistados sobre exclusão e discriminação abordam uma realidade profundamente enraizada, que permeia diversos aspectos da vida, desde o acesso à educação até questões de emprego. Isso transcende a esfera individual, indicando a existência de estruturas sistêmicas que demandam uma abordagem consciente e engajada para combater o preconceito e fomentar a verdadeira inclusão.

Sempre fui a negra da sala de aula. **Doía muito ser chamada de macaca, cabelo duro e coisas do tipo.** [...] Só parou quando bati nele,

foi o momento que percebi que o branco é para com as provocações quando o **negro é colocado na posição de agressor para justificar o preconceito**. Assim, **ou eles passam a ter medo de você, ou te torturam com a culpa e o preconceito** (Amélia).

Nunca tive dificuldade para estudar, **tinha dificuldade para continuar no ritmo de estudos e trabalho**. Sabia que se parasse de estudar, não ia conseguir voltar (Fátima).

O negro não estava na escola de período integral. Não estava fazendo curso técnico. O **negro tem conhecimento e um talento natural**, mas parece que não querem que desenvolvam. **Se negro fosse encostado o Brasil não era o que é hoje** (Leandro).

Ao investigar os desafios educacionais, nota-se que não se trata simplesmente de um obstáculo solitário, mas sim da expressão das persistentes discrepâncias sociais. A dificuldade de acesso à educação, como evidenciado nas pesquisas, não constitui apenas uma problemática contemporânea, mas a continuidade de arraigadas estruturas históricas que influenciam a participação e inclusão na sociedade. Portanto, a análise dessas barreiras não só evidencia uma questão, mas também ressalta a necessidade urgente de medidas sistêmicas que possam dismantelar tais obstáculos e fomentar um ambiente mais inclusivo e equitativo para as pessoas idosas afrodescendentes.

Precisei fazer muito esforço para continuar estudando, mas **eram poucas pessoas que conseguiam ver esse esforço**. Houve momentos que eu quis desistir logo no ensino fundamental, meus irmãos precisaram parar por conta do trabalho. Eu queria parar porque **não aguentava mais escutar músicas que cantavam e falavam que não era racismo** [...] “Plantei cebolinha no meu quintal/ nasceu uma negrinha de avental/ dança, negrinha, não sei dançar/ Pega o chicote que ela dança já!”⁵ **eu decorei os versos e nunca consegui esquecer**.

⁵ A música de autor desconhecido ainda é utilizada em escolas de educação infantil para trabalhar a musicalização de crianças, contendo diversas variedades em sua letra.

Talvez porque quando não falavam que **não queriam brincar com aquela negrinha**, falavam que **iam pegar o chicote para me bater** (Alice).

Eu me represento e represento muitos outros. Só nós que sofremos preconceito assim que chegamos nos lugares, **que os lugares de “acolhimento” te humilham**, que escutou quando era criança com seus amigos que eram um **“bando de neguinho”**, que quando ligava o jornal era sempre um negro sendo o bandido, **isso te afeta para uma vida inteira** (João).

Lutei muito para chegar até aqui, **mas ainda assim, preciso ser 200x melhor que um branco e 100x melhor que um homem.** Perfeita. Sem defeitos. Sem família, sem história e sem destaque. **Só assim você pode conviver com eles** (Amélia).

Imagem 1: Abertura de exposição Memórias Negras



Fonte: Acervo de fotos da pesquisa

Descrição: A foto foi tirada em meio a uma atividade do Centro Municipal de Cultura Afro Brasileira do participante João, onde falavam sobre a importância da representatividade negra em escolas públicas da cidade de São Carlos.

Mas não importa o que eu fale, nada dói mais do que o dia que **meu filho falou que estava sofrendo preconceito**. Não tem nada pior para uma mãe, uma tia ou qualquer pessoa do que ouvir que o filho **não te contou o que estava passando para te proteger** (Fátima).

Imagem 2: Lágrimas em uma confissão



Fonte: Acervo de fotos da pesquisa

Descrição: Essa mãe⁶ contava sobre a vez em que sua filha contou sobre as vezes que sofria bullying e racismo na escola pelos colegas por ser uma negra retinta, mas não queria contar para mãe sobre os ocorridos para protegê-la da dor de lidar com preconceito.

É evidente que o período de alfabetização e socialização durante a infância e a adolescência é o momento em que as diferenças com relação à raça/etnia se torna mais

⁶ Houve a assinatura do Termo de uso de Imagem e Depoimento.

evidente para pessoas pretas, que perdem uma espécie de véu que separa a ingenuidade e das raízes do preconceito, ao começar pelos estereótipos e bullying sofridos.

Figura 2 - Insultos e xingamentos durante a infância

Nem parece preto	Asfalto	Serviço de preto	Como você lava seu cabelo?	Feito nas coxas	Não somos iguais
Tem alma de branco	Macaco	7 chibatadas resolve	cabelo de bombрил	Neguinho	Como assim você estuda?
Cabelo duro	Pelé	Ladrão	Volta para senzala	Exu	Pau de fumo
Nasci pra ser criado	Posso tocar no seu cabelo?	Cor do pecado	Favelado	Macumbeiro	Sem Cultura

Fonte: Elaborado pela autora

Avançando para a educação e cultura no envelhecimento, segundo a OPAS/OMS o envelhecimento saudável é um processo contínuo de otimização da habilidade funcional e de oportunidades para manter e melhorar a saúde física e mental, promovendo independência e qualidade de vida ao longo da vida. Embora São Carlos consiga atingir alguns requisitos da OPAS, contando com o curso de Gerontologia, parcerias com entidades e representantes para conseguir atingir a população idosa garantindo essa velhice saudável, em algumas falas ainda persistem desafios que geram dificuldades na participação e inclusão de pessoas idosas em atividades comunitárias.

[...] precisa ter um **jogo de cintura**, ou você tem boa didática, ou você cria algo. É fácil trabalhar com quem tem **alta escolaridade**, com quem tem baixa escolaridade precisa fazer **por prazer pelo trabalho**.
 [...] Nem a cidadania acreditou que elas, **30 pessoas idosas com pouca escolaridade**, estavam fazendo tudo aquilo. Acho que se eu não fizesse isso, **hoje estaria muito pior** (Paula).

É muito difícil conseguir garantir uma coisa que **deveria ser um direito básico para todos**. Por que será que tem pouco negro nessas atividades? Porque **não ficam onde a comunidade mais pobre e preta vive**, estão todas no centro. Não tem como sair da aula meio-dia, almoçar e ir para o outro lado da cidade em menos de uma hora. Imagina como uma pessoa idosa vai fazer isso se mal tem calçada decente para caminhar e transportes acessíveis (Marcio).

O conjunto de situações enfrentadas pelas instituições ao longo dos anos não se atribui apenas a aspectos funcionais de cada indivíduo, mas, também, a cenários proporcionados por ações do governo.

A história daqui é muito corrida, **teve muita mudança de nome, mudança de espaço, eles não seguem com o projeto que deram o nome** e quando cheguei, tava tudo uma bagunça. Eles **estavam usando aqui como depósito**, e se a gente não **continuar brigando eles vão fazer de novo** (Paula).

[...] Durante a pandemia, a prefeitura achou que seria bom **usar aqui como depósito** [...] e depois da pandemia, parece que estão querendo fazer um **depósito de pessoas** que incomoda a visão de um centro conhecido como “Capital do Café ou da Tecnologia” [...] pesa só, **o negro incomoda, certo? Consegue imaginar um negro idoso?!** (Marcio).

Imagem 3 - Torra e moedor de Café



Fonte: Acervo de fotos da pesquisa

Descrição:

Também é comum ouvir demandas a respeito da própria instituição. Sendo por questões internas ou externas, mostrando ser necessário a participação de funcionários e das próprias pessoas idosas para assegurar seus direitos e, até mesmo, a estadia nos locais de atividades.

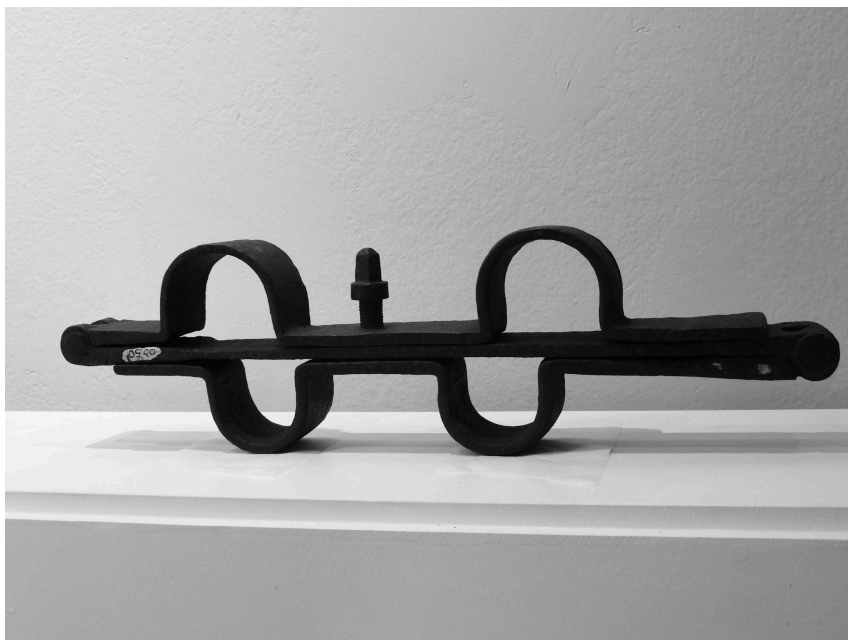
É graças a essas senhoras que vão lá brigar sempre que alguma coisa aperta para cá, porque **eles acham que o idoso é o lado mais fraco**, mas a gente tá sempre **na luta para garantir nossos direitos e dos próximos que virão** (Paula).

Do mesmo modo, nos deparamos com situações tratando de apanhados históricos da construção da cidade, possibilitando visualizar os resquícios da pós-abolição e suas manifestações ao longo do cotidiano de cada um, bem como suas lutas diárias.

Agora negro aqui não tem, **é muito difícil ver eles nos espaços de educação ou para atividades físicas**, aqui nós temos umas três [...]

Eu tenho para mim que **as pessoas negras daqui de São Carlos já sofreram e sofrem muito**, então agora eles só querem descansar (Paula).

Imagem 4 - Vira-Mundo



Fonte: Acervo de fotos da pesquisa

Descrição: O "vira-mundo" era um instrumento de tortura usado na escravidão, onde a pessoa escravizada era amarrada em uma posição contorcida e recebia chibatadas, causando intenso sofrimento físico e psicológico. Na peça da fotografia ainda era possível ver marcas e resíduos de pele.

Quanto as pessoas negras, não tem. Deve ter um ou dois perdidos, porque aqui é **um bairro onde tem mais pessoas brancas**, mas não por preconceito, é **mais uma coisa histórica da estrutura da cidade**. [...] se você vai em bairros mais afastados, abandonados pela prefeitura ou mais perigosos, ai que você vai encontrar a **população negra**, é lá que está a população carente e que precisa ser ouvida (Roberto).

Eu só consegui entrar aqui para fazer os curso' porque minha fia' falou que eu podia pegar uma bolsa ou algo do tipo, mas é muito **difícil porque preciso pegar um ônibus de muito longe ou que alguém me dê carona** (Mira).

[...] poucas vezes vi pessoas negras aqui, acho meio complicado você encontrar pessoas aqui. **Talvez porque esse seja considerado um “bairro branco”**, aqui nessas vilas as casas são passadas de geração, pouca gente vem de fora para morar aqui. **Então se você for mapa Cidade Aracy, Santa Eudoxia e outros bairros mais “pobres” você pode encontrar mais pessoas de cor** (Sueli).

Mas é muito **difícil de ver pessoas negras mais velhas aqui**. Pelo menos na minha turma não tem (Vitória).

Por outro lado, é possível identificar várias motivações e desafios que afetam a participação de pessoas idosas negras em atividades educacionais e culturais. Muitas vezes, essas pessoas enfrentam a sensação de não pertencimento e uma distância significativa das oportunidades disponíveis, exacerbada pela falta de conhecimento sobre essas atividades e pela escassez de ofertas em seus bairros. Além disso, condições de saúde podem limitar sua capacidade de participar ativamente, e a ausência de eventos especificamente voltados para a cultura negra pode reduzir ainda mais o acesso e o engajamento. Esses fatores combinados criam barreiras que precisam ser superadas para garantir uma participação mais inclusiva e significativa para essa população.

Cheguei nessa idade e quero mais aproveitar meu sossego. **Não tenho mais paciência para aguentar calada**, por mais que reaja com muito mais educação que merecem (Fátima).

Foi-se o tempo que a gente tinha teatro negro, peças teatrais com os jovens no Flor de Maio, via as rodas de capoeira, os bailes em que todos se reuniam com roupas finas, onde a comunidade negra se

reunia e sabia dos seus valores. Agora eu não vejo mais lugares assim, a gente **precisa ir para muito longe para lembrar das nossas raízes** (Geraldo).

Infelizmente, eu estou em uma **situação de saúde que limita muita coisa que antes eu fazia com maior facilidade**. Hoje eu preciso escolher os lugares, ver quem pode ir comigo, **porque as ruas e as calçadas não estão em boas condições [...]**, mas eu não deixo de participar, só não vou em tantas como gostaria, **porque não consigo e porque quase não tem algo que veja a negritude forte** (Thiago).

Minha família tem medo de que eu caia e aconteça alguma coisa, agora pedem para eu andar de andador. Mas também não tem nada que me agrade muito, **sinto muita falta do Flor de Maio e da Toca da Criola da minha memória e dos eventos e shows que tínhamos** (Vânia).

Eu participava de um grupo de break, a gente era o Mete Break. Nos reuníamos para dançar e vinha muita gente assistir, para dançar, fazer passinho e escutar músicas. **Hoje não tem muito disso, pelo menos, não que eu saiba** (João).

CAPÍTULO 3 - A Importância da identificação e cultura negra

A cultura negra desempenha um papel fundamental na construção da identidade brasileira, contribuindo de maneira significativa para o enriquecimento da diversidade cultural do país. No entanto, foi apenas a partir do século XX que as manifestações, rituais e costumes de origem africana começaram a ser amplamente reconhecidos e valorizados como expressões legítimas da identidade nacional brasileira (Santos, 2016). Apesar desse avanço, as tradições africanas ainda enfrentam desafios consideráveis, ao continuarem a resistir aos ataques de racismo e intolerância que buscam minar sua relevância e autenticidade.

Embora diversas culturas estrangeiras sejam amplamente valorizadas e celebradas por grande parte da população brasileira, as tradições africanas frequentemente não recebem o mesmo nível de reconhecimento e respeito. A Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nos currículos escolares, com ênfase nas disciplinas de História, Arte e Literatura, foi criada para promover uma educação mais inclusiva e fomentar o entendimento das relações étnico-raciais (Brasil, 2003). Apesar da importância dessa legislação para a valorização das raízes africanas no contexto educacional, sua implementação ainda enfrenta grandes desafios. Muitas escolas no Brasil ainda lutam para integrar efetivamente essas diretrizes em seus currículos, resultando em uma educação que muitas vezes não reflete a riqueza e a diversidade das contribuições africanas e afro-brasileiras. A falta de recursos, formação adequada para os professores e resistência cultural são obstáculos significativos que precisam ser superados para garantir que a Lei 10.639/2003 alcance seu pleno potencial e proporcione uma educação verdadeiramente inclusiva e representativa.

O negro contribuiu com a cultura brasileira em seus vários aspectos, desde as artes, língua, religião, economia e indústria (Santos, 2023). Ainda que possua uma imensidão na construção de um país com dimensões continentais, a questão da identificação do negro é um processo doloroso (Munanga, 2004). Uma vez que, entramos em conceitos de fundamentação etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico. Parece simples definir quem é negro no Brasil. Mas, num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não (Munanga, 2004).

Para Hall (2006), a identificação é definida historicamente e não biologicamente.

[...]O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

A complexidade da sociedade brasileira é refletida na multiplicidade de identidades e na constante evolução das formas como nos identificamos. A valorização das tradições culturais afro-brasileiras e a compreensão das nuances da identidade negra são cruciais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. No entanto, o resultado dessa diversidade é uma mistura de realidades conflitantes: o indígena e o negro, muitas vezes usados e excluídos, e o branco que participou de sua opressão e tortura (Santos, 2016). O Brasil, por outro lado, é também um reflexo da contribuição significativa do povo negro, que moldou aspectos essenciais da cultura nacional.

A construção da identidade negra no Brasil enfrenta desafios significativos, particularmente a falta de representatividade positiva na mídia. As representações midiáticas têm um impacto profundo na maneira como os negros se percebem sendo percebidos pela sociedade. Stuart Hall (2006) argumenta que a identidade não é uma entidade fixa, mas uma construção contínua, um processo em constante evolução no quadro de representação social. A ausência de representações positivas e autênticas pode levar à criação de uma “raça de anjos”, um conceito que se refere a indivíduos desprovidos de uma identidade definida e concreta, como discutido por Frantz Fanon (1963, p.176, apud Hall, 2006). Essa falta de ancoragem cultural e visibilidade contribui para a formação de uma identidade fragmentada e carente de elementos culturais significativos.

A importância das memórias e histórias pessoais na formação da identidade cultural negra é destacada como um aspecto essencial. Preservar e transmitir essa rica herança cultural é vital, pois essas narrativas desempenham um papel central na construção da identidade. O processo doloroso de construir uma autoimagem positiva diante de estigmas e estereótipos prevalentes é uma realidade explorada em profundidade. Esse processo revela não apenas os desafios enfrentados, mas também a notável resistência cultural observada nas estratégias

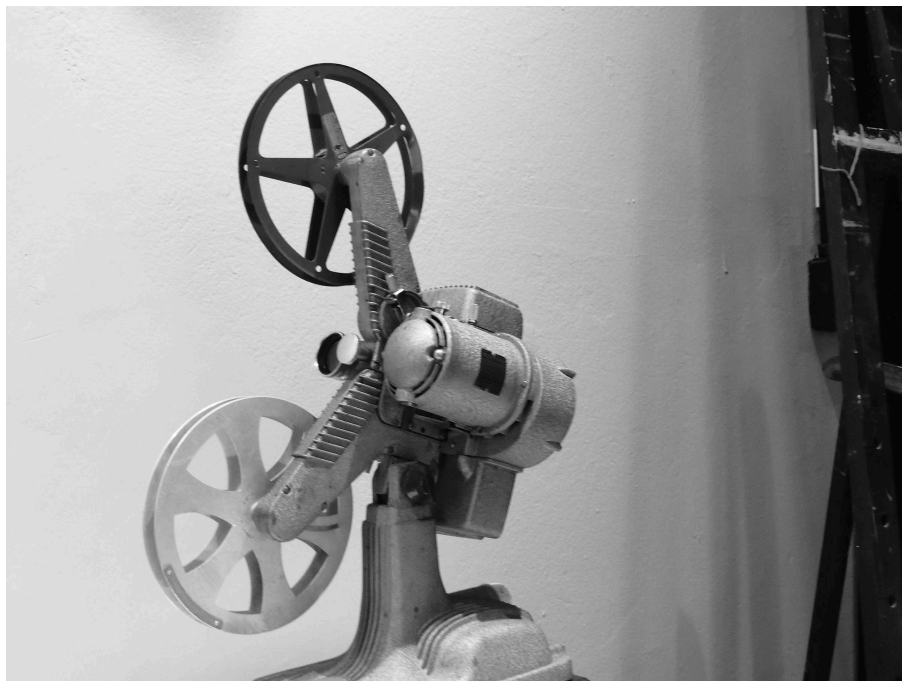
individuais para afirmar uma identidade positiva em meio a narrativas frequentemente negativas.

Além disso, a expressão cultural, por meio da música, do cinema e de outras formas de arte, desempenha um papel vital na consolidação da identidade negra e na reafirmação da cultura afro-brasileira. A música, com seus ritmos e tradições, e o cinema, com suas narrativas e representações visuais, oferecem não apenas um meio vibrante e poderoso para a expressão cultural, mas também uma plataforma para a resistência e a afirmação da identidade em um cenário social frequentemente complexo e desafiador. Esses meios de expressão cultural não apenas celebram a riqueza da herança afro-brasileira, mas também desempenham um papel essencial na construção de uma autoimagem positiva e na criação de uma conexão profunda com as raízes culturais.

“Eu já suportei demais o seu escárnio. Suportar é a lei da minha raça, tá ligado? (...) Eu sou negro sim. E por acaso negro não tem olhos, não tem mão, não tem boca, não tem pa*, não tem sentido? Não come da mesma comida, não sofre das mesmas doenças? Não precisa dos mesmos remédios? Quando a gente sua, não sua o corpo, tal qual um branco? Quando vocês dão porrada na gente, a gente não sangra igual? Quando vocês fazem graça, a gente não ri? Quando vocês dão tiro na gente, por**, a gente não morre também? Pois se a gente é igual em tudo, então nisso também vamos ser nisso, caral**!” (Ó PAÍ, Ó, 2007 apud. Shakespeare, 1598).

A representação cinematográfica em seus sentimentos é uma das formas mais singelas que cheguei a ver em uma de minhas conversas com uma participante da segunda etapa da pesquisa. A frase icônica de Roque (Lázaro Ramos) para Boca (Wagner Moura) no filme *Ó Pai, Ó* (2007), foi uma das que mais marcaram nosso encontro. Curiosamente, essa fala foi uma adaptação feita por Lázaro Ramos de um trecho do livro *O Mercador de Veneza* de William Shakespeare, publicado em 1598, onde o personagem Shylock expressa sua indignação diante do preconceito sofrido. A adaptação de Ramos traz o texto clássico para um contexto contemporâneo e enfatiza as questões raciais vividas pela comunidade negra. As identificações e a cultura do negro são-carlense se manifestam a partir de cada ato de resistência, seja nas ruas ou no cinema, provando que a luta por visibilidade e igualdade está presente em cada detalhe da vida cotidiana, ecoando nas palavras e gestos dos que se reconhecem nessa batalha.

Imagem 6: Cinematógrafo



Fonte: Acervo de fotos da pesquisa

Descrição: O cinematógrafo, inventado pelos irmãos Lumière em 1895, era uma máquina que filmava, projetava e reproduzia imagens em movimento. Ele marcou o início do cinema, proporcionando visibilidade a histórias, culturas e eventos, transformando a forma como as pessoas viam o mundo ao capturar e compartilhar realidades até então inacessíveis ao público em geral.

[...] O centro surgiu em meados de 2006, para servir de **apoio e visibilidade para comunidade negra de São Carlos**. [...] mas houve **muitos anos de luta** para haver um espaço negro (Akin).

As pessoas da época criaram para que houvesse um **ambiente de visibilidade**, para mostrar que **estamos presentes, é uma espécie de luta** [...] Você percebe só de olhar as mãos calejadas pela força que a gente faz e sempre fez. **Conseguimos a liberdade, mas a luta continua**. (Marcio).

Imagem 7 - Resistência de preta



Fonte: Acervo de fotos da pesquisa

Descrição: Momento em que Thiago é homenageado no Flor de maio em novembro de 2023.

Mesmo tendo sua história marcada com longos capítulos de dor e sofrimento, as conquistas não ficaram para trás. Construindo um grande álbum de recordações e memórias, a presença de pesquisadores e oficinairos ajudaram a escavar cada vez mais para obter um novo lado de suas histórias; um lado que os livros de história não contam.

Quem são as figuras importante para os jovens negros hoje? **Hoje se você for trabalhar em outro país e sofrer algum preconceito, as pessoas fazem barulho, veem que é errado.** Olha o caso do jogador Vini jr., a quantidade de sofrimento que ele passa por saber jogar futebol e morar longe de casa. Ele conseguiu realizar o sonho dele. **Por que será que um negro quando ganha destaque incomoda?** E isso é desde a escravidão, ou muito antes (Leandro).

A gente que é mulher passa por muita situação nessa vida [...] tem casa, marido, filho, pai, briga, aí envelhece, e parece que finalmente vai começar a viver. Se a vida de uma mulher branca já é difícil assim, imagina a de uma mãe negra que envelheceu e amadureceu muito mais rápido para conseguir proteger os filhos dos preconceitos (Clara).

Imagem 8 - A velha guarda



Fonte: Acervo de fotos da pesquisa

Descrição: Momento em que começam a falar para Thiago sobre seus feitos durante a vida.

Para funcionários do Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira-Cultural, ter pessoas que busquem locais de ocupação gera uma sensação de continuidade ao trabalho da velha guarda.

Acho que a trazer essa oficina é importante para eles e para instituição. [...] é diferente, porque tem fotos de muitos deles jovens, mas não tem eles agora. Cadê essas pessoas que trouxeram mudança? **Trazer o agora é importante para continuar, a história é algo que continua, não é só lembrar o que veio antes, mas como eles esperam que vai ser daqui para frente** (Marcio).

Imagem 9 - Exposição Memórias Negras no Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira



Fonte: Acervo de fotos da pesquisa

Descrição: O evento contava com a abertura da exposição Memórias Negras da USP, na foto dá para ver gerações de pessoas negras em São Carlos.

A participação dos outros campos de estudo também traz um olhar de acolhimento e necessidade de pertencimento. Ainda que não haja um grande número de pessoas negras nesses locais, os próprios frequentadores falam sobre a importância de manter um ambiente heterogêneo e rico em culturas e tradições, principalmente, quando separam um momento por ano para conversarem sobre suas origens.

[...] Futuramente teremos eventos, terá o mês negro, e um Miss Afro, onde vamos olhar o que as pessoas sabem da própria história e cultura. [...] é uma **diversidade cultural muito presente**, mas não tem o momento de trazer os outros para ouvir, mas ainda é uma história apagada, **ninguém sabe a história do negro em São Carlos. Dá a sensação de que o negro não envelhece**, se você olhar uma propaganda, **você só vai ver uma pessoa negra** (Marcio).

Há uma demanda legal de **pessoas mais novas**, graças as parcerias, mas o nosso maior “público” são os **visitantes da velha guarda** que quer ver como estão as coisas, quais as próximas atividades, conversar sobre como era antes (Akin).

Outro ponto importante é a presença da religiosidade e suas manifestações de identidade e acolhimento nos momentos de sofrimento. Enquanto alguns vão para o caminho de Deus, outros acendem uma vela para o orixá que sustenta seu orí⁷.

[...] é comum ouvir elas **puxando uma oração** quando as coisas não estão muito boas. Já passamos por muita coisa e vamos passar por muito mais, sabe?! Mas **Deus é justo**, ele não falha, não (Gabriela).

[...] não é todo mundo que vai para igreja ou templos. **Eu prefiro acreditar nos meus ancestrais. Eles cuidam do nosso povo desde que a gente morava para lá** [...] minha mãe não me abandona, é ela quem cuida dos nossos caminhos. É importante lembrar que o tempo deles não é o nosso (Marcio).

[...] eu sei que elas sofreram muito para chegar aqui e ter um ambiente onde a história delas está exposta nessas paredes [...] se elas acreditam que **foi Oxum quem deu, eu presto todo o respeito** [...] se hoje eu não preciso estar servindo alguém ou levando os mesmos castigos que

⁷ Orí é a palavra em iorubá que significa cabeça, referindo-se a *intuição espiritual e destino*.

meus antepassados passou. **Hoje sei quem sou, de onde vim e para onde quero levar tudo isso** (Marcio).

3.1 A Resiliência das pessoas idosas negras

*Gota também é água,
formiga também faz caminho.
(Mafalda Pequenino)*

Nas entrevistas, os participantes enfatizaram de forma contundente as batalhas que enfrentaram ao longo da vida para alcançar um espaço onde pudessem ser ouvidos e respeitados. Essas lutas, muitas vezes permeadas por barreiras sociais, econômicas e raciais, moldaram suas trajetórias, tornando-os resilientes e determinados a garantir seu lugar na sociedade. Através de suas histórias, fica claro que o enfrentamento de preconceitos, discriminação e invisibilidade social foi constante, mas isso também fortaleceu sua autopercepção de valor e capacidade de resistência.

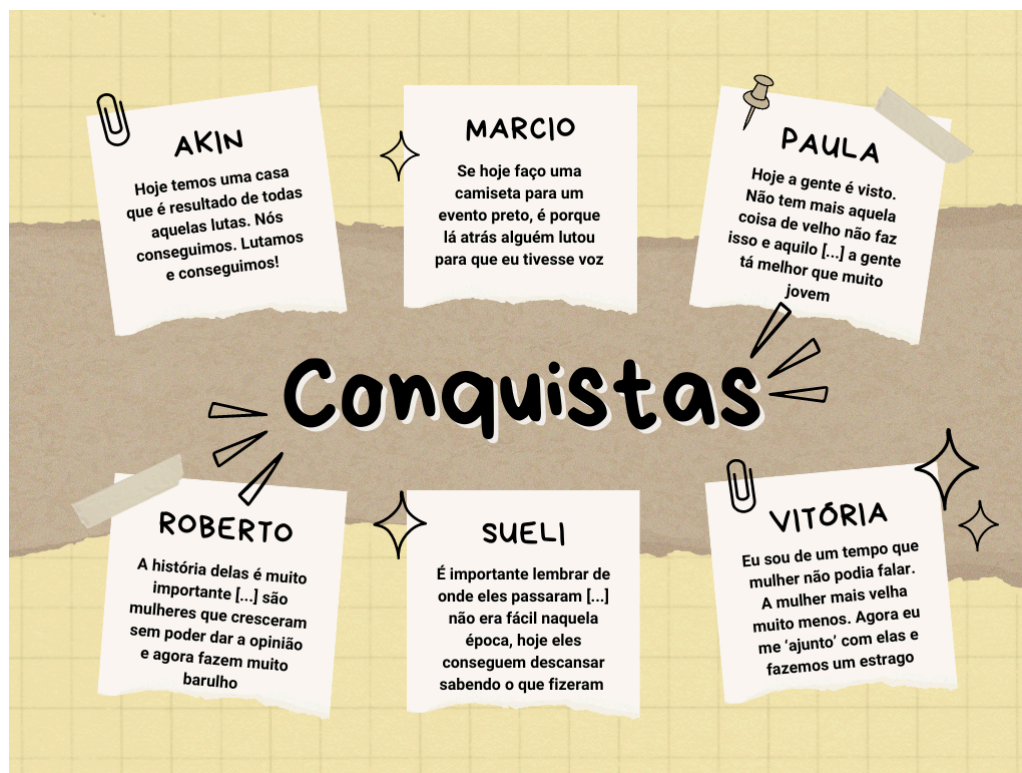
Para essas pessoas idosas, a velhice não é vista como uma fase de dependência ou fragilidade, mas sim como um período de realização pessoal e social. Eles não se consideram passivos ou relegados a papéis secundários; ao contrário, é o momento em que desfrutam dos frutos de suas conquistas, sejam elas materiais, emocionais ou espirituais. A vivência da velhice, para eles, está ligada a um sentimento de merecimento e orgulho, fruto de uma vida de trabalho, lutas e superações.

Além disso, há uma forte consciência da necessidade de preparar a próxima geração. O legado que deixam é uma combinação de ensinamentos sobre como resistir, conquistar espaço e lutar por seus direitos. Nesse sentido, eles veem a velhice como uma fase de transmissão de conhecimento, na qual podem orientar os mais jovens a enfrentar desafios semelhantes e a continuar o ciclo de luta e superação.

A adaptação a novos desafios também é algo que permeia essa etapa da vida. Para muitos, a tecnologia, as mudanças sociais e as novas formas de comunicação são vistas como oportunidades para continuar aprendendo e se reinventando. Eles buscam formas de se integrar ao mundo contemporâneo, sem perder a essência de suas experiências passadas, mostrando que a velhice pode ser, sim, um tempo de evolução e progresso pessoal.

Dessa forma, essas pessoas idosas enxergam essa fase não como o fim, mas como uma continuação ativa de suas jornadas, repletas de significado, resiliência e propósito, reafirmando que envelhecer é também uma forma de resistência e transformação.

Figura 3 — Falas de Conquistas



Fonte: elaborado pelo autor em 2023.

As fotos relacionadas a 3.º categoria, partilho em conjunto com os entrevistados marcas as quais fizeram questão de me contar histórias e locais que disseram que deveria visitar com um novo olhar.

O Flor de Maio foi e é um dos maiores marcos para os negros de São Carlos. Tinha curso, bailes, festas, eventos, as pessoas se reuniam para celebrar a negritude. **Era acolhedor e todos eram muito respeitados, é isso que faz falta um espaço nosso que nos valorize** (Vania).

Imagem 10 - Estação de trem em São Carlos



Fonte: Acervo de fotos da pesquisa

Descrição: a foto foi tirada no momento em que estava com Angel tirando fotos na estação, quando começou a chegar muitas pessoas idosas para olhar as fotos da estação e contarem histórias sobre como era a estação em seu tempo de juventude.

É interessante quando abordamos as diversas memórias de Resiliência, Adaptação e Engajamento sob os processos que os gestores e pessoas idosas apontaram, deixando claro que apenas quem viveu em determinado período poderia abordar com a sensibilidade necessária.

As paredes desse lugar contam a história, tem fotos, objetos, documentos, roupas, perfil na internet, publicações, anúncios de jornal, vídeos no YouTube; mas nada se compara com a experiência de quem viveu. Mas **só eles vão saber falar o que precisa ouvir, e contar o sentimento de fazer tudo isso acontecer (Akin).**

É triste que as pessoas **não tenham a mesma oportunidade que eu tive de conhecer a história dos lugares, das casas, dos bairros e das figuras importantes** que infelizmente já nos deixaram. Mas espero que um dia possam valorizar quem realmente conhece a história da cidade e das pessoas [...] museus e casas de cultura são muito importante, mas é aqui, **no boca a boca e nas conversas que a história de verdade pode ser contada. Por quem realmente viveu** (Yuli).

Quando conversei sobre a história da instituição e sobre figuras importantes, alguns tiveram dificuldades, por dizer que não era algo da cultura da empresa tratar sobre aquilo com funcionários. Ou falaram que em algum momento os documentos se perderam, restando apenas a memória e vivência dos profissionais mais antigos.

Aqui foi uma conquista, pensado pela **revolução preta aqui de São Carlos**. As pessoas da época criaram para que houvesse **um ambiente de visibilidade, para mostrar que estamos presentes**, é uma espécie de luta [...] historicamente foi a casa de escravocrata, transformado em ambiente de acolhimento e resistência, oferecimento de atividades educativas e culturais que compartilham a história preta [...] **Muita coisa se perdeu, mas tem muito a se encontrar** nos documentos e fazendas, isso só vai pra' frente com a participação em conselhos da comunidade negra, eventos sociais, culturais e científicos, de votação e criação de ementas em leis, políticas públicas (Akin).

Um dos pontos mais delicados que surgiu foi a sensação de pertencimento em lugares que, ainda hoje, fazem questão de mostrar a trajetória de seus envolvidos. Ficou evidente que clubes do livro, teatros, viagens são uma forma de mantê-los vivos. Além disso, as exposições têm um papel importante em como eles são vistos e se veem, em especial para pessoas idosas negras.

Imagem 11 — O Apreciador



Fonte: Foto tirada por Angel em nosso passeio fotográfico na estação do trem em 2023.

Descrição: Eu posso mostrar fotos da minha família, do meu filho, da praça, e tudo vai ser o mundo. O mundo é muito mais do que se vê por aí. O mundo é tudo. O meu mundo é o meu filho e meus cachorros. Mas também é olhar cada detalhe das coisas envolta.

A velhice negra de hoje foi formada a partir de constituições desproporcionais; logo, entende-se que tal parcela corrobora a ideia de que o processo de envelhecimento é multideterminado (Rabelo, D. F. et al. 2018). Os desafios sociais da população negra, de maneira geral, são a sucessão de memórias e oralidades, uma vez que a produção do esquecimento carrega o adoecimento de todo um povo, através da marginalização, hierarquização e hegemonia. As diferenças socioeconômicas, a desassistência social e a violência são resultantes de uma classificação construída sob uma ótica negligente ainda existente (Rabelo, D. F. et al. 2018). Essa negligência manifesta-se em várias esferas, como o acesso desigual a serviços de saúde, a precarização de empregos e a ausência de políticas públicas eficazes que considerem as especificidades do envelhecimento da população negra. A sociedade continua a operar sob lógicas racistas que perpetuam a exclusão e dificultam a

obtenção de direitos básicos, o que se reflete no abandono e na vulnerabilidade que caracterizam a velhice negra.

A consciência racial, por sua vez, contribui para o processo de reconhecimento negro e suas implicações, sejam políticas ou sociais. Politicamente, os que atuam nos movimentos negros organizados qualificam como negra qualquer pessoa que tenha essa aparência (Munanga, 2004), socialmente pode se dar por vivências ao longa da vida ou contato com obras de temática racial.

Com isso, a oralidade acaba sendo um instrumento de conscientização e aproximação intergeracional de seus reprodutores, tornando um simples diálogo em uma forma de resistência. E que se não resistir, adoece e deixa de existir.

“O ensinamento que há mantido o relato durante séculos, nas distantes aldeias de África Ocidental, pode também ser recebido, entendido e interpretado por ouvidos muito distintos daqueles a que estavam destinados no princípio. E assim, o conto segue cumprindo a missão que lhe foi encomendada. O conto segue sendo, então, um transmissor de valores tradicionais que, ademais, devem ser descobertos por entre os rodeios da história e adaptados à realidade que se vive. A cada um sua missão, a cada qual, sua tarefa. Mas, “de um e outro lado do mar de areia” os homens e as mulheres não são, afinal de contas, tão distintos”! (Sisto, C. 2012 apud. Agboton, 2004, p. 12-13).

A Oralidade se tornou, uma das formas mais singelas encontradas pelos negros de resiliência das pessoas idosas negros, servindo como uma interconexão de almas e reflexos de um povo que se adaptou para manter-se vivo, todos em um só corpo. É preciso saber quem você é, para pertencer, para reproduzir, para conscientizar e lutar.

A melhor parte dos meus finais de semana continua sendo sentar com a família no final da tarde para ouvir as histórias da minha mãe, contar as minhas histórias e ver que **meus filhos seguirão fazendo essa tradição tão viva da nossa cultura** (Thiago).

Imagem 12 — Fotos e tradições



Fonte: foto tirada pela autora a pedido de Geraldo

Descrição: O mundo é isso aqui para mim, entende? É mexer nessas fotos e nos cadernos e ver toda a história que construímos nesses anos. É muito gostoso olhar para trás e ver tudo que eu fiz com ela (Criola), a gente fez coisa por essa cidade que hoje tá difícil ver, entende? Isso aqui é a vida de verdade.

Não é só o conversar, o escutar, é ouvir mesmo. Lembro como se fosse ontem as coisas que meus pais me contavam sobre a escravidão, o porquê tínhamos que nos esforçar. **Hoje quando estou com a minha neta**, mesmo que seja mais descontraído para chamar a atenção dela, **a gente fala sobre a história, os preconceitos, sobre como a cidade tem um histórico que nunca deixou de ser atual.** Isso também é oralidade. É o que não está escrito, mas ficará para sempre com ela e se ela quiser, vai passar para os filhos e netos dela.

Imagem 13 — Eu, meu irmão e minha irmã



Fonte: Foto tirada por Leandro.

Descrição: Essa foto é uma das mais bonitas da minha família. Ela mostra a cidade de São Carlos num tempo que hoje pessoas da sua idade não vai ver nunca. Isso para mim é o mundo. Minha família não se preocupando com o preconceito.

A velhice negra e seus constantes desafios discutidos devem ser observados como forma de resistência e posicionamento de um ser humano enquanto cidadão (Rabelo, D. F. et al. 2018). Sendo necessário ressignificar o ambiente para haver a sensação de pertencimento, dado que, após perder sua alma, história e cultura original, resta apenas o corpo. Assim, a oralidade passa a ser a energia vital do corpo negro.

A minuciosa avaliação das histórias revela não só os desafios enfrentados pelas pessoas idosas de pele escura, mas também sua incrível capacidade de superação frente à falta de oportunidades educacionais. De acordo com Rabelo et al. (2018), essa capacidade de superação se mostra como uma reação forte, evidenciando as desigualdades sistêmicas existentes na sociedade. Ainda mais, a maneira como os participantes se envolvem ativamente

ou se opõem à imagem negativa na mídia demonstra uma atitude crítica e desafiadora perante os obstáculos. Essa participação não apenas exemplifica a resistência pessoal, mas também ressalta a relevância essencial da consciência crítica na desconstrução de estereótipos profundamente enraizados (Rabelo et al., 2018).

As táticas de ajustamento, principalmente no decorrer do envelhecimento, exemplificam uma persistência constante entre as pessoas idosas de origem africana. Dentro desse cenário, a comunicação oral surge como um elemento essencial, não só para manter tradições culturais, mas também como um meio resiliente e persuasivo de compartilhar saberes (Rabelo et al., 2018). Destaca-se a importância da presença do corpo negro como sendo essencial, sendo a sua não presença vista como uma das expressões mais evidentes do racismo estrutural (Gomes, 2017). Essa ausência ultrapassa a aparência física, evidenciando a falta de representatividade sistemática dos negros em diversas áreas da sociedade, ressaltando, portanto, a necessidade urgente de desconstruir as estruturas que mantêm a invisibilidade.

A “democracia racial”, muitas vezes associada à mestiçagem, é criticada como um imaginário nacionalista na formulação canônica do imaginário nacional (Feres Júnior et al., 2018). Contrariamente à sua representação de harmoniosa coexistência racial, esse conceito é compreendido como uma narrativa que mascara as profundas desigualdades raciais existentes. Apesar das tentativas de implementação de políticas que visam promover a diversidade étnico-cultural ao longo da história do Brasil, as evidências mostram que essas iniciativas não foram efetivamente realizadas pelo Estado (Feres Júnior et al., 2018). Essa diferença entre intenção e realização ressalta a urgência de uma avaliação crítica das políticas públicas destinadas a promover a igualdade racial no país.

Em suma, a discussão revela a intrincada teia entre desafios enfrentados pelas pessoas idosas negras, a construção da identidade em meio a estereótipos e a resiliência como resposta. Esses temas não são isolados; eles interagem e se alimentam mutuamente, destacando a importância de abordagens holísticas para promover uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Enquanto as barreiras persistem, a resiliência e a busca por uma identidade positiva emergem como forças motrizes cruciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ubuntu: palavra de origem nos idiomas zulu e xhosa do sul do continente africano e tem como significado a humanidade para todos (Cavalcante, 2020).

Esse estudo foi desenvolvido a partir do objetivo geral: Analisar como a representatividade midiática, por meio da fotografia, influencia no processo de envelhecimento de pessoas idosas negras e não negras. Evidenciou-se por meio dos resultados como os meios midiáticos influenciam e invisibilizam as particularidades de uma pessoa idosa negra, de forma a intensificar estereótipos que prejudicam a inserção e pertencimento de pessoas negras consumidoras de meios midiáticos como músicas, filmes, programas televisionados, em plataformas de streaming e outros. Também é possível visualizar como os desafios diários de participação e inclusão podem afetar todos, no entanto, ainda é uma situação aguda em pessoas negras, dando sinais desde a infância. Além disso, este estudo evidenciou que metodologias participativas, especialmente visuais, contribuem para um espaço colaborativo, seguro para diálogos coletivos, servindo para fomentar a criação e implementação de políticas públicas que reconheçam a importância de conhecer e divulgar a cultura e os direitos das pessoas idosas negras.

Este estudo alcançou o primeiro objetivo específico de *identificar e discutir as concepções de envelhecimento dos participantes da pesquisa*. Ficou evidente que as concepções sobre envelhecimento variam significativamente conforme a identidade racial dos indivíduos, sendo que as pessoas idosas negras expressaram uma percepção de invisibilidade, tanto social quanto midiática, que intensifica o sentimento de exclusão em suas jornadas de envelhecimento. A ausência de representações positivas e diversas de idosos negros nos meios de comunicação acaba por reforçar estereótipos limitantes, dificultando o reconhecimento pleno de suas experiências de vida e suas contribuições à sociedade. A troca de histórias e a partilha de memórias permitiram que essas percepções fossem discutidas em profundidade,

demonstrando como o racismo estrutural impacta diretamente a forma como o envelhecimento é vivenciado e narrado por essas pessoas.

O segundo objetivo específico, que buscava *analisar como as fotografias tiradas pelos participantes impactam suas percepções sobre o envelhecimento*, revelou que as imagens tiveram um papel transformador. As fotografias possibilitaram uma nova forma de autoavaliação, onde os participantes puderam se enxergar e se reconhecer de maneiras não mediadas por estigmas externos. Para os participantes negros, em particular, a experiência de se verem retratados em um contexto de empoderamento e beleza, desvinculado das imagens estereotipadas frequentemente vistas na mídia, proporcionou um resgate de sua autoestima e uma maior aceitação do próprio envelhecimento. As imagens funcionam não apenas como um registro visual, mas também como uma ferramenta de ressignificação, permitindo que os idosos pudessem ver suas próprias narrativas de vida de forma mais digna e respeitosa.

Por fim, o terceiro objetivo, que *consistia em compreender as especificidades na experiência do envelhecimento a partir da identificação racial dos participantes*, mostrou-se crucial para compreender a complexidade das interseções entre raça e envelhecimento. A pesquisa revelou que o envelhecimento para pessoas negras é marcado por um histórico de exclusão e lutas que continuam impactando suas vivências na terceira idade. A experiência do racismo ao longo da vida reflete-se em um envelhecimento com maiores desafios psicológicos e sociais, incluindo o enfrentamento de preconceitos tanto em suas comunidades quanto nos sistemas institucionais, como o de saúde. O conceito de "Ubuntu" foi repetidamente mencionado pelos participantes negros como uma filosofia que os ajuda a enfrentar as dificuldades do envelhecimento, destacando a importância da solidariedade comunitária e do reconhecimento mútuo na superação de suas adversidades. Assim, a identificação racial emerge como um fator central na experiência de envelhecer, com diferenças nítidas na forma como essa fase da vida é enfrentada e interpretada.

A história da diáspora negra no Brasil remonta a uma linhagem de lutas por sobrevivência, perseguições e escravidão. No entanto, ao contrário de outras minorias perseguidas ao longo da história, apenas a narrativa negra permanece em uma situação de constante apagamento. A cultura negra em São Carlos parece congelada, apenas ocasionalmente iluminada como uma chama vacilante que o vento da indiferença governamental ameaça extinguir. Com a aposentadoria, a distinção entre brancos e negros desaparece, e as histórias dessas pessoas idosas são apagadas da sociedade, independente de

cor ou gênero. A busca por compreender questões de raça e miscigenação se torna uma tentativa de desvendar as lutas ancestrais por sobrevivência e identidade cultural. Somos conduzidos, assim, a uma valsa histórica, avançando e retrocedendo, enquanto cada história se perde em silêncio, cada documento revela um passado escravocrata, e cada foto é um ato de apagamento.

Neste contexto, o conceito de “*Ubuntu*” ganha relevância para a população negra em São Carlos. O *Ubuntu*, que expressa a interconexão de todos os seres humanos e a responsabilidade compartilhada, torna-se uma energia vital para aqueles que enfrentam a opressão, a marginalização e o apagamento de sua identidade cultural. A descolonização da memória torna-se fundamental ao lidar com o apagamento da tradição, transformando o presente em um ato de resistência e o futuro em uma incerteza que brilha tal qual uma luz no horizonte.

No decorrer deste estudo, fica evidente que nossa busca bibliográfica precisou se estender consideravelmente até encontrar um ponto de partida concreto para análises e hipóteses. Assim, a primeira parte do projeto busca preencher as lacunas deixadas por cada pesquisa, combinando a análise bibliográfica com as vivências reais. Esta é uma relação de complementaridade, onde as vozes ganham espaço, as fotografias ganham significado e as narrativas revisitam a complexidade de suas vidas. Já, na segunda parte do projeto, buscamos para transformar as palavras em ações tangíveis, reconhecendo que esse não é apenas um problema local, mas sim uma narrativa que desde o processo abolicionista há tentativas de reconstruir um povo e que, gradualmente, a consciência pública está acordando para a necessidade de mudança.

O impacto da cultura afro-brasileira é visível na forma como essas expressões culturais moldam a percepção pública e influenciam a autoestima dos indivíduos. Eventos como o Carnaval, o samba e o candomblé não são apenas manifestações artísticas, mas também atos de afirmação e resistência que reafirmam a presença e a importância das tradições afro-brasileiras na vida cotidiana. A música e o cinema, ao retratar histórias e experiências que ressoam com a vivência negra, ajudam a construir uma narrativa cultural que combate os estigmas e estereótipos prejudiciais, proporcionando uma visão mais completa e autêntica da identidade negra.

Essas expressões culturais também servem como ferramentas de educação e conscientização, permitindo que o público tenha acesso a uma representação mais rica e

diversificada da cultura afro-brasileira. Ao proporcionar um espaço para que as vozes e histórias afro-brasileiras sejam ouvidas e valorizadas, a música e o cinema ajudam a promover uma maior compreensão e respeito pela identificação negra. Assim, a integração e o reconhecimento dessas manifestações culturais na sociedade são fundamentais não apenas para a preservação da herança cultural, mas também para a construção de uma identificação coletiva que seja inclusiva e representativa de todas as suas dimensões.

A valorização e o apoio contínuos a essas formas de expressão cultural são essenciais para garantir que a cultura afro-brasileira continue a florescer e a inspirar, desafiando as narrativas limitantes e promovendo uma sociedade que reconheça e celebre a diversidade e a riqueza de sua herança cultural. A forma que esse abismo na representatividade se torna evidente ao longo das próximas décadas, acreditamos que ele possa ser reduzido. Embora haja momentos em que as emoções colidem com a neutralidade científica, entendemos que a carga emocional também deve ser medida e gerenciada com sensibilidade ao longo dessa jornada de descoberta e transformação.

A descolonização da memória passa a ser uma energia vital para todos os que foram e ainda são oprimidos, sucateados, marginalizados e tiveram sua identificação cultural apagada desde seus primórdios em terra brasileira. Lidar com esse apagamento, contribui com a rotatividade do tempo em história de vida, uma vez que deixa de circular em passado, presente e futuro. Essa tradição é passada em pequenas frestas, o presente é a resistência e o futuro se torna uma das maiores incertezas, mas vem como uma luz em chamas.

Estar em outra cidade buscando conhecer sobre as relações raciais e o processo do envelhecimento, sempre traz uma nova perspectiva de vida para todos os envolvidos. Descobrir sobre o passado através da contação de histórias, entrevistas e suas trajetórias como protagonistas de muitas conquistas me deixa ansiosa para as próximas narrativas que irei me deparar. Para, enfim, conhecer a histórias que os livros não contam.

Realizar esse trabalho seguiu sendo um dos meus maiores desafios, acredito que estudar sobre o racismo segue como um dos temas mais delicados a serem trabalhados, ainda mais numa iniciação científica. Por vezes, precisei me afastar da pesquisa, ainda em sua fase de análise bibliográfica e busca da história e vivências de pessoas pretas em São Carlos, a demora para a aprovação do TCLE me deu maior liberdade para aprimoramento de minhas habilidades fotográficas e me aventurar para conhecer a cidade, mas não esperava encontrar tanto apagamento e desvalorização. Com isso, se tornou frequente o pensamento de que talvez

não tenha maturidade intelectual para alguns pontos que podem surgir, necessitando cada vez mais aprofundamentos teóricos e práticos em minha educação, criatividade, profundidades, sensibilidades, provocações e emoções. Pois apesar de minhas dificuldades, essas experiências não serão apenas minhas nessa segunda etapa da pesquisa, mas de todos que participarem, das instituições, voluntários, aqueles que apreciarem as exposições ou lerem trabalhos futuros fruto desta pesquisa. Que fique claro que não é um trabalho meu e de minha orientadora, mas um trabalho nosso e para nós.

REFERÊNCIAS

- ALVES, K. Y. A. et al.. Uso da fotografia nas pesquisas qualitativas da área da saúde: revisão de escopo. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 2, p. 521–529, fev. 2021.
- ALMEIDA, M. A. B. DE; SANCHEZ, L. Os negros na legislação educacional e educação formal no Brasil. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 10, n. 2, p. 234–246, 31 ago. 2016.
- BARROS, S. P. Escravos, libertos, filhos de africanos livres, não livres, pretos, ingênuos: negros nas legislações educacionais do XIX. *Educação e Pesquisa*, v. 42, n. 3, p. 591–605, jul. 2016.
- BERNARDO DO NASCIMENTO, V.; FERREIRA RODRIGUES, L.; DOS REIS MOREIRA, N.; SANTOS MARQUES, N. Os estereótipos do “mito negro” em personagens negros no cinema nacional. *Revista Ciências Humanas*, v. 17, n. 1, 2024. DOI: 10.32813/2179-1120.2024.v17.n1.a1025. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/1025>. Acesso em: 1 jul. 2024.
- BITENCOURT, S. M. Gênero e Envelhecimento: reflexões sobre o corpo que envelheceu. *Revista Kairós Gerontologia*, 18(2), pp. 443-459. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2015, abril-junho.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>. Acesso em: 12 out. 2023.
- BRASIL. Lei nº 1, de 14 de janeiro de 1837.
- BRASIL. Lei nº 2.040 de 28 de set de 1871.
- BRASIL. Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850.
- BRASIL. LEI Nº 3.270, de 28 de setembro de 1885.
- BRASIL. LEI Nº 3.353, de 13 de maio de 1888.
- BRASIL. Lei nº 5.465, de 3 de Julho de 1968.
- BRASIL. Lei n. 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003.

CAVALCANTE, K. L. Fundamentos da filosofia Ubuntu: afroperspectivas e o humanismo africano. *Revista Semiárido De Visu*, Petrolina, v. 8, n. 2, p. 184-192, 2020.

Conselho Nacional de Saúde (Brasil). Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, 2012. Disponível em: http://www.conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html. Acesso em 04 dez. 2022.

COUTRIM, R. M. DA E.. Algumas considerações teóricas e metodológicas sobre estudos de sociologia do envelhecimento. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 9, n. 3, p. 67–88, set. 2006.

DAS, V. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. *Cadernos Pagu*, n. 37, p. 9–41, jul. 2011.

D'ALMEIDA, J. R. O ESTEREÓTIPO DO NEGRO NA TELENOVELA AVENIDA BRASIL. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 7, n. 16, p. 236–255, 2015. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/106>. Acesso em: 1 jul. 2024.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em Revista*, n. 24, p. 213–225, jul. 2004.

ENVELHECIMENTO Saudável - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/envelhecimento-saudavel>.

FREITAS, J. M. A Ação Educativa do Movimento Negro: uma proposta de musealização. In: SILVA, Ana Célia da; BOAVENTURA, Edivaldo Machado. (Org.). *O Terreiro, a quadra e a roda: formas alternativas de educação da criança negra em Salvador*. Salvador: Coletânea de textos do Programa de Pós-Graduação em Educação FAGED-UFBA, 2004. (p. 191-198).

FREITAS, J. MUSEU AFRO-BRASILEIRO; AÇÕES AFIRMATIVAS DE CARÁTER MUSEOLÓGICO NO NOVO SETOR DA HERANÇA CULTURAL AFRO-BRASILEIRA. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://cult.ufba.br/enecul2005/JoseaniaMirandaFreitas.pdf>. Acesso em: 12 out. 2023.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G.. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 14, n. 28, p. 139–152, maio 2004.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-Americano. In: *Caderno de formação política do círculo Palmarino*, n. 1, 2011.

- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984.
- HALL, S. A identidade cultural da pós-modernidade. São Paulo: DP&A, 2006.
- KOSSOY, B. FOTOGRAFIA E HISTÓRIA: AS TRAMAS DA REPRESENTAÇÃO FOTOGRÁFICA. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 70, 2021. DOI: 10.23925/2176-2767.2021v70p9-35. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/52357>. Acesso em: 3 out. 2023.
- MREJEN, M.; NUNES, L.; GIACOMIN, K. Envelhecimento populacional e saúde dos idosos: O Brasil está preparado? [s.l: s.n.]. Disponível em: https://ieps.org.br/wp-content/uploads/2023/01/Estudo_Institucional_IEPS_10.pdf.
- MORATELLI, Valmir. Representação do negro na velhice: uma narrativa de exceção em telenovelas. *Tematicas*, Campinas, SP, v. 29, n. 57, p. 208–234, 2021. DOI: 10.20396/tematicas.v29i57.13712. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/13712>. Acesso em: 4 jun. 2024.
- MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRAND O, André Augusto P. (Org.). *Cadernos PENESB*, n. 05, Niterói, RJ: EdUFF, 2004.
- MUNANGA, K. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, p. 51–66, jan. 2004.
- MUNANGA, K. NEGRITUDE E IDENTIDADE NEGRA OU AFRODESCENDENTE: um racismo ao avesso?. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 4, n. 8, p. 06–14, 2012. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246>. Acesso em: 1 jul. 2024.
- NUNES, S. Povoada. Gravadora: Mugunzá Records, 2021. Suporte: 2m28s. Disponível em: <https://youtu.be/dIFzUVxAb8c?si=8oKvQBFn6iP9w5I5>. Acesso em: 1 out. 2023.
- OLIVEIRA, J. D. DE. Da senzala para onde? Negros e negras no pós-abolição em São Carlos-SP (1880-1910). Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-08032016-093431/en.php>. Acesso em: 24 ago. 2023.
- OLIVEIRA, L. M.; LOURES OLIVEIRA, A. P. P. Problemáticas da Gestão do Patrimônio e Políticas Públicas: A educação na perspectiva de mudança paradigmática. Juiz de Fora, 2008.

- Ó PAÍ, Ó. Direção GARDENBERG, M. (ED). Brasil: Europa Filmes, 2007. DVD.
- PELEGRINI, S. C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, n. 51, p. 115-140, 2006.
- RABELO, D. F.; DA SILVA, J.; ROCHA, N. M. F. D.; GOMES, H. V.; ARAÚJO, L. F. de. Racismo e envelhecimento da população negra. Revista Kairós-Gerontologia, v. 21, n. 3, p. 193–215, 2018. DOI: 10.23925/2176-901X.2018v21i3p193-215. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/44428>. Acesso em: 12 out. 2023.
- SÁ, T.; ROCHA, F. Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF. Disponível em: http://www.eeh2016.anpuh-rs.org.br/resources/anais/24/1340766055_ARQUIVO_Artigo-Anpuh.pdf. Acesso em: 12 out. 2023.
- SANTOS, M. A. Contribuição do negro para a cultura brasileira. Temas em Educação e Saúde, Araraquara, v. 12, n. 2, p. 217–229, 2016.
- SHAKESPEARE, William. O Marcador de Veneza. 1. ed. Veneza: Editora Clássicos, 1598.
- SILVA, A. C.; BOAVENTURA, E. M. (Org.). O Terreiro, a quadra e a roda: formas alternativas de educação da criança negra em Salvador. Salvador: Coletânea de textos do Programa de Pós-Graduação em Educação FAGED-UFBA, 2004. (p. 191-198).
- SILVA DE SOUSA, A.; SARAMAGO DE OLIVEIRA, G.; ALVES, L. A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS. Cadernos da Fucamp, v. 20, n. 43, p. 64–83, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336/1441>. Acesso em: 28 mai. 2023.
- SILVÉRIO, V. R.; HOFBAUER, A.; KAWAKAMI, É. A.; FLOR, C. G. “Diáspora africana”: caminhando entre genealogias, abrindo novos horizontes. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 10, n. 3, p. 877–902, set./dez. 2020.
- SISTO, C. O conto popular africano: a oralidade que atravessa o tempo, atravessa o mundo, atravessa o homem. Tabuleiro de Letras, v. 3, n. 1, 2012. DOI: 10.35499/tl.v3i1.131. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/131>. Acesso em: 13 out. 2023.

TRUZZI, O. M. S.; BASSANEZI, M. S. B.. População, grupos étnico-raciais e economia cafeeira: São Carlos, 1907. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 26, n. 2, p. 197–218, jul. 2009.

WELLER, W.; BASSALO, L. DE M. B. Imagens: documentos de visões de mundo. *Sociologias*, v. 13, n. 28, p. 284–314, dez. 2011.

APÊNDICES

Apêndice A - Carta de autorização FESC

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Prezado Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar, na função de representante legal da FUNDAÇÃO EDUCACIONAL SÃO CARLOS, informo que o projeto de pesquisa intitulado **A MEMÓRIA EM IMAGEM: Uma análise crítica entre a história de idosos negros e não negros e a representação midiática** apresentado pelo (a) pesquisador (a), Profa. Dra. Priscila M. Medeiros e que tem como objetivo principal compreender de que maneira as imagens midiáticas se relacionam com as experiências, as memórias afetivas e as concepções de envelhecimento dos sujeitos da pesquisa, com foco nas identificações raciais foi analisado e autorizada sua realização apenas após a apresentação do parecer favorável emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar. Solicito a apresentação do Parecer de Aprovação do CEP-UFSCar antes de iniciar a coleta de dados nesta Instituição.

“Declaro conhecer a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Data: São Carlos, 09 de dezembro de 2022

Assinatura: _____



REGINALDO DE GODOY
DIRETOR PRESIDENTE – FESC

Reginaldo Godoy
Diretor Presidente
Fundação Ed. São Carlos

Apêndice B - Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada: “A MEMÓRIA EM IMAGEM: Uma análise crítica entre a história de pessoas idosas negras e não negras e a representação midiática”, realizada em parceria com o programa Universidade Aberta da Terceira Idade, localizado no município de São Carlos, São Paulo. O objetivo desta pesquisa é compreender de que maneira as imagens midiáticas se relacionam com as experiências, as memórias afetivas e as concepções de envelhecimento, com foco nas identificações raciais, bem como discutir e analisar as concepções de envelhecimento em comparação com imagens midiáticas; compreender como que o processo de envelhecimento de pessoas idosas negras e não-negras se expressa através de relatos de vida e de fotografias pessoais e familiares; analisar as interações e diálogos sobre envelhecimento entre os participantes, com base em imagens. Assim, gostaria de consultá-lo sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Os Critérios de inclusão consistem, portanto, no público 60+ frequentador da UATI, que possui o próprio instrumento e capacidade de manusear um aparelho de captura de imagem, exemplo: celular, câmera fotográfica. Já os Critérios de exclusão, aplica-se caso a pessoa apresentar declínios cognitivos que impeçam a participação, compreensão e desenvolvimento das atividades propostas ao longo dos encontros, não possuindo instrumento fotográfico. Assim, aqueles que se enquadrarem nos critérios de exclusão, não poderão participar do estudo, sendo avisados pela pesquisadora responsável.

A oficina consistirá em cinco encontros com duração de duas horas cada, que serão realizados na Fundação Educacional de São Carlos, em parceria com o programa Universidade Aberta da Terceira Idade, Centro de Referência do Idoso e o Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira “Odette dos Santos” localizado no município de São Carlos, São Paulo. Explora os diversos aspectos que envolvem o ato fotográfico. Entre eles: tipos de enquadramento, ângulos, regras de composição, funcionamento básico de câmeras e luz. Com isso, é esperado que os participantes criem familiaridade com as câmeras e maior conscientização da linguagem fotográfica, para, por fim, utilizarem o olhar crítico aos materiais midiáticos trazidos pelos menos ao longo da oficina, gerando ao final dos encontros um drive compartilhado com os resultados finais das fotografias confeccionadas pelos participantes, através das atividades propostas.

Neste estudo, você será convidado(a) a participar de uma entrevista em que serão abordados os seguintes eixos temáticos: identificação, cotidiano, memória, futuro, representação e mídia, e relações raciais. Durante a entrevista, você será convidado(a) a falar sobre suas vivências, experiências e perspectivas em relação a esses temas, a partir de suas próprias vivências e ponto de vista. As questões abordadas na entrevista visam entender como você se identifica em relação a questões raciais, como você lida com essas questões em seu cotidiano, como a sua memória influencia suas perspectivas sobre o futuro, como você se sente representado(a) e/ou invisibilizado(a) pela mídia, e como as relações raciais influenciam suas vivências. Todas as informações fornecidas por você durante a entrevista serão tratadas com confidencialidade e serão utilizadas apenas para fins acadêmicos e de pesquisa.

Este estudo envolve o uso de duas técnicas de coleta de dados: o Photovoice e a História Oral. O Photovoice é uma técnica que permite que os participantes registrem, por meio de fotografias, suas percepções sobre um determinado tema. Neste estudo, você será convidado(a) a tirar fotografias que reflitam sua experiência em relação ao tema proposto. Já a História Oral é uma técnica em que o participante é convidado(a) a compartilhar suas histórias pessoais e vivências em relação ao tema estudado. Ambas as técnicas têm como objetivo dar voz aos participantes e permitir que suas perspectivas e experiências sejam consideradas na análise dos resultados do estudo.

Tendo isto em vista, a participação nesta pesquisa apresenta certo risco de desconforto emocional a partir da abordagem de fatores e situações que foram prejudiciais para você, sua vida, ou a de entes queridos, os quais talvez você não goste de reviver. Os riscos serão reduzidos com explicações, orientações e apoio da pesquisadora. Assim sendo, não há nenhuma obrigatoriedade em responder quaisquer perguntas que lhe sejam desconfortáveis. Destacamos também que você pode interromper a entrevista no momento em que assim desejar. A participação nesta pesquisa é voluntária, não havendo nenhuma remuneração ou benefício financeiro. Este estudo não lhe gerará nenhuma despesa.

A participação nesta pesquisa não lhe trará complicações legais, e nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade, obedecendo aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme resolução ética nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Este estudo não lhe gerará nenhuma despesa, porém, caso você tenha gastos como transporte e alimentação por conta da pesquisa, haverá ressarcimento destes valores, da forma

que lhe for mais conveniente. Além disso, caso a sua participação lhe trazer algum dano você será devidamente indenizado, como determina a lei.

Em qualquer momento da pesquisa; antes, durante ou após a finalização, você poderá pedir esclarecimentos sobre este estudo. Se por algum motivo você se arrepender de sua participação ou por qualquer outro motivo, decidir que não quer mais participar, você poderá pedir para que seus dados não sejam utilizados na pesquisa. Caso você se recuse a participar, isto não lhe causará nenhum dano, penalidade ou perda de benefícios. Asseguramos-lhe também que seu nome não será divulgado e ou compartilhado com nenhum outro órgão, ou instituição, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam sua identificação. Você será identificada apenas por pseudônimos.

Este estudo tem como objetivo trazer contribuições importantes para a Gerontologia e a Sociologia, além de promover uma reflexão crítica sobre questões relacionadas ao cotidiano, experiências de racismo, envelhecimento, representação midiática, construção da identificação e exercício cognitivo da memória. Espera-se que os resultados da pesquisa possam contribuir para uma melhor compreensão dos desafios enfrentados por indivíduos em situação de envelhecimento em relação a questões raciais, e para uma maior conscientização sobre a importância da representatividade e da diversidade na mídia. Além disso, espera-se que o estudo promova uma reflexão crítica sobre o cotidiano e a construção da identidade, bem como estimule o exercício cognitivo da memória, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos participantes e da sociedade como um todo.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com você.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você poderá me contatar através do telefone (11) 95293-8273 ou pelo e-mail: bsantos@estudante.ufscar.br

_____, ____ de _____ de 20__

Profa. Dra. Priscila Martins de Medeiros
Pesquisador Responsável

Nome do Participante

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

Apêndice C - Termo de autorização de uso de imagem e depoimentos

Eu _____,
CPF _____, RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Priscila Martins de Medeiros e Barbara Pereira dos Santos do projeto de pesquisa intitulado “**A MEMÓRIA EM IMAGEM: Uma análise crítica entre a história de idosos negros e não negros e a representação midiática**” a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, exposição de resultados, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004).

São Carlos - SP, ____ de _____ de 20 ____

Pesquisador Orientador responsável pelo projeto

Pesquisador responsável pelo projeto

Participante da pesquisa

Apêndice D - Roteiro da entrevista: Aprofundamento de campo

Eixo institucional:

O que você sabe sobre a história da instituição?

Ao longo dos anos, quais mudanças e transformações a instituição passou?

Quais personalidades ou figuras importantes estiveram envolvidas na história da instituição?

Qual é a relação da instituição com a comunidade local ao longo do tempo?

Existem registros, fotografias ou documentos antigos que contem a história da instituição?

Como a história da instituição é compartilhada e preservada atualmente?

Eixo idoso:

Acha que possui a mesma quantidade de pessoas idosas negras e não negras na instituição atualmente?

Há diversidade cultural e étnica entre as pessoas idosas?

Tem algum tipo de programa para o tratamento e valorização das identidades culturais?

Em sua opinião, existe alguma diferença percebida em relação à representatividade da mídia em relação ao envelhecimento?

Como tem sido a participação social das pessoas idosas em atividades comunitárias ou sociais?

Apêndice E - Roteiro da entrevista: Pessoas idosas

EIXO TEMÁTICO: IDENTIFICAÇÃO

- 1) **Conte-me um pouco sobre você** (idade, cor/raça, gênero, profissão (o que você sabe fazer e faz para se sustentar), trabalho (exerce a profissão no momento?), estado civil, filhos ou não; onde mora; com quem mora)

Ferramentas: álbuns de fotografia; quadros; objetos; roupa; decoração...

EIXO TEMÁTICO: COTIDIANO

- 2) **Conte-me um pouco sobre sua rotina, seu dia-a-dia** (o que faz durante os seus dias; o que gosta; lazer; casa; encontros familiares; amigos; trabalhos; saúde; bem estar; acesso a serviços de saúde e socioassistenciais...)

EIXO DE MEMÓRIA:

- 3) **Conte-me um pouco sobre suas saudades. O que te faz falta?** (mãe, pai, irmãos, amor, amizade, brincadeiras, professora/escola, local, comida, religiosidade, cheiros, gostos, sensações....)

Ferramentas: álbuns de fotografia; quadros; objetos; roupa; decoração...

EIXO DE REPRESENTAÇÃO E MÍDIA:

Conte-me sobre suas representações. (O que você vê no meio midiático; há alguém parecido contigo; como te fez sentir; qual seria sua utopia na mídia...)

Ferramentas: revistas velhas, livros, livros didáticos, TV ligada, rádio ligado..., jornais..., propagandas...produtos...histórias...

EIXO TEMÁTICO: RELAÇÕES RACIAIS (fenômeno social que se dá coletivamente; racismo...resistência ao racismo)

- 4) **Conte-me sobre seus medos do dia-a-dia. Como eles te afetam?**

Conte-me sobre suas dificuldades quando mais jovem. Eles te afetam ainda hoje?

(impactos, superação, impedimentos, medos, histórias, sentimentos, discriminações, rótulos, autoestima)

Ferramentas: histórias, músicas, ambiente seguro

EIXO TEMÁTICO: FUTURO

Conte-me quais suas expectativas para o futuro.

(Qual seu futuro ideal?; você consegue imaginar uma utopia?)

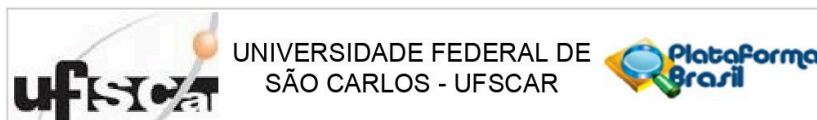
Ferramentas:

Apêndice F - Roteiro do Photovoice

O que é o mundo?

ANEXO

Anexo A - Parecer consubstanciado do comitê de ética em pesquisa com seres humanos



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A MEMÓRIA EM IMAGEM: Uma análise crítica entre a história de idosos negros e não negros e a representação midiática

Pesquisador: PRISCILA MARTINS DE MEDEIROS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 65911322.1.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.089.422

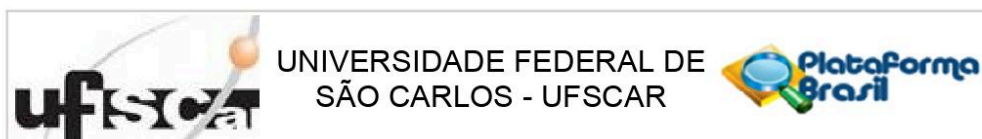
Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2048012.pdf, de 24/04/2023) e/ou do Projeto Detalhado (PROJETO_COMPLETO_VERSAO2.pdf, de 13/04/2023): RESUMO, HIPÓTESE (se houver), METODOLOGIA, CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.

Apresentação do Projeto:

O presente estudo visa compreender de que maneira as imagens midiáticas se relacionam com as experiências, as memórias afetivas e as concepções de envelhecimento dos sujeitos da pesquisa, com foco nas identificações raciais a partir dos objetivos específicos: Discutir e analisar as concepções de envelhecimento dos sujeitos da pesquisa em comparação com imagens midiáticas; Compreender como que o processo de envelhecimento de idosos negros e não-negros se expressa através de relatos de vida e de fotografias pessoais e familiares; Analisar as interações e diálogos sobre envelhecimento entre os sujeitos de pesquisa, com base em imagens. Com isso, do ponto de vista metodológico, pretende-se realizar pesquisa de campo — baseada em entrevistas de profundidade e/ou grupo focal — e análise de documentos fotográficos e escritos fornecidos e construídos pelos participantes como abordagem principal. Além disso, no decorrer do processo, serão utilizados trechos de filmes,

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.089.422

séries, comerciais, curta metragens e outras imagens que possam contribuir nos diálogos do trabalho de campo. A análise se baseará especialmente nas contribuições da Sociologia das Relações Raciais aplicadas ao contexto do envelhecimento e da gerontologia, nos Estudos Culturais e Pós-coloniais, em caráter qualitativo de pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender de que maneira as imagens midiáticas se relacionam com as experiências, as memórias afetivas e as concepções de envelhecimento dos sujeitos da pesquisa, com foco nas identificações raciais.

Objetivo Secundário:

1. Discutir e analisar as concepções de envelhecimento dos sujeitos da pesquisa em comparação com imagens midiáticas. 2. Compreender como que o processo de envelhecimento de idosos negros e não-negros se expressa através de relatos de vida e de fotografias pessoais e familiares. 3.

Analisar as interações e diálogos sobre envelhecimento entre os sujeitos de pesquisa, com base em imagens.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A pesquisa pode apresentar riscos como: Desconforto emocional a partir de eventos estressores que foram prejudiciais de alguma forma para o voluntário ou de algum ente próximo, ou talvez não queira reviver ou relembrar. Com isso, não haverá nenhuma obrigatoriedade em responder quaisquer perguntas que sejam desconfortáveis, podendo também ser interrompido o momento de entrevista a qualquer momento. Havendo também a redução de riscos com explicações, orientações e apoio da pesquisadora.

Benefícios:

Este estudo trará contribuições para o campo da Gerontologia e da Sociologia. O estudo proporcionará a reflexão sobre as questões de representatividade midiática para idosos negros e não negros e a análise crítica em comparação entre o envelhecimento com base em

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

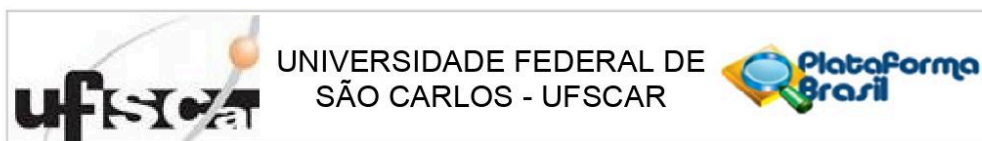
CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.089.422

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa que deve seguir os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 510 de 2016 e suas complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Agradecemos as providências e os cuidados tomados pelos pesquisadores ao apresentarem a segunda versão do protocolo de pesquisa ao CEP da UFSCar. Trata-se de análise de resposta ao parecer pendente n. 1 emitido pelo CEP em 31/03/2023.

Seguem abaixo as pendências listadas no parecer anterior do CEP e seu status (atendida, não atendida, parcialmente atendida).

1- TCLE:

1.1 - No TCLE consta: "A participação nesta pesquisa consistirá em registrar fotografias e trazer objetos pessoais para suscitar memórias". No projeto consta: "Os Critérios de inclusão consistem, portanto, no público 60+ frequentador da UATI, possuindo capacidade de manusear um aparelho de captura de imagem, exemplo: celular, câmera fotográfica. Já os Critérios de exclusão, aplica-se caso a pessoa apresentar declínios cognitivos que possam

impedir a participação dos encontros, que os mesmos passarão por uma avaliação cognitivo de rastreio, uma vez que partimos do pressuposto que todos são letrados e saudáveis".

Nos critérios de inclusão há menção somente na capacidade de manuseio e não o de possuir um celular ou câmera, e no critério de exclusão não há menção relacionada a possuir dispositivos de registro. Pergunta-se: O que será feito com o idoso que desejar participar e não tiver celular ou câmera fotográfica? Será excluído? Rever os critérios de inclusão e exclusão considerando o aspecto apontado. Esclarecer e incluir no TCLE.

Pendência atendida.

1.2 Apresentar no TCLE detalhes dos métodos utilizados. Segundo apresentado no TCLE: " Cada

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

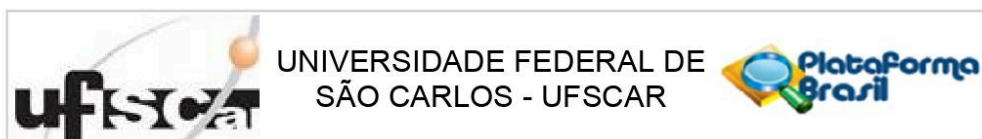
UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.089.422

participante irá fazer os registros com o próprio celular ou câmera após participarem de um mini curso de fotografia, conceder uma entrevista individual e duas em grupo".

Pergunta-se: Como será o mini curso de fotografia para realizar os registros. Em qual local? Quantos encontros e tempo de duração? Qual conteúdo das entrevistas? Como se dará o envio dos registros? Segundo a resolução 510 de 2016: Art. 17. O Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, em seus diferentes formatos, deverá conter esclarecimentos suficientes sobre a pesquisa, incluindo: I - a justificativa, os objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa, com informação sobre métodos a serem utilizados, em linguagem clara e acessível, aos participantes da pesquisa, respeitada a natureza da pesquisa. Esclarecer, detalhar os métodos e incluir todas as informações no TCLE.

Pendência atendida.

2- Recrutamento: como será exatamente o recrutamento? Por meio de chamada pública? Cartaz, folhetos na FESC? Detalhar tal recrutamento e encaminhar a este CEP o texto a ser utilizado para divulgação da pesquisa. Como critérios de exclusão apresentados no projeto: "Critérios de exclusão, aplica-se caso a pessoa apresentar declínios cognitivos que possam impedir a participação dos encontros, que os mesmos passarão por uma avaliação cognitivo de rastreio, uma vez que partimos do pressuposto que todos são letrados e saudáveis".

Como será o recrutamento inicial para avaliação da cognição e definição de critérios de exclusão? Caso algum idoso com interesse em participar não tenha critérios cognitivos para participar, como será a comunicação com este idoso?

Pendência atendida.

3- Apresentar carta de autorização da FESC para realização da pesquisa. Quando uma pesquisa envolve outra instituição em que o pesquisador não tem gerência, há necessidade de aquisição e envio de carta de autorização da instituição coparticipante da pesquisa.

Pendência atendida.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

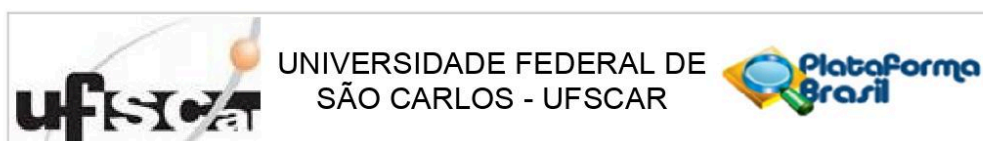
UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.089.422

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. Conforme dispõe o Capítulo VI, Artigo 28, da Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016, a responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2048012.pdf	24/04/2023 18:16:42		Aceito
Outros	CARTA_RESPOTA_VERSAO2.pdf	24/04/2023 18:16:05	BARBARA PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLÉ_VERSAO2.pdf	13/04/2023 12:16:25	BARBARA PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_COMPLETO_VERSAO2.pdf	13/04/2023 12:12:57	BARBARA PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CARTA_DE_AUTORIZACAO_VERSAO2.pdf	13/04/2023 12:11:25	BARBARA PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_imagem.pdf	01/12/2022 20:05:45	BARBARA PEREIRA DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	folha_De_Rosto.pdf	01/12/2022 19:14:33	BARBARA PEREIRA DOS SANTOS	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

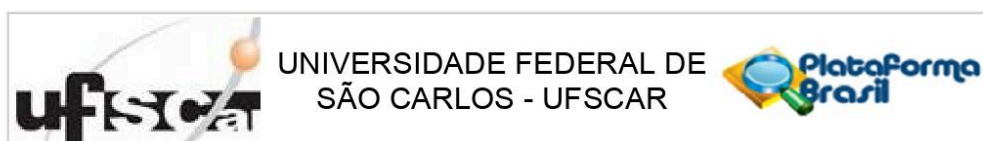
CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.089.422

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 30 de Maio de 2023

Assinado por:
Sonia Regina Zerbetto
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br